

*Série: entrevistas com intelectuais alagoanos*

**Breve memorial de um historiador tardio, de um dramaturgo popular e de um militante dos marginalizados das Alagoas: entrevista com Luiz Sávio de Almeida.**

**Fernando de Jesus Rodrigues<sup>1</sup>; Paulo Victor de Oliveira<sup>2</sup>**

A entrevista com Sávio de Almeida faz parte de um esforço da Revista Latitude para tornar mais visíveis trajetórias e obras de intelectuais que tiveram significativas repercussões sobre a vida da sociedade alagoana. Apesar de bastante conhecido no cenário intelectual local, muitas dimensões da vida de Sávio restam desconhecidas em círculos intelectuais mais amplos. Elas se cruzam não apenas com a biografia de Alagoas mas também, em muitos pontos, com a biografia da vida nacional-popular brasileira.

Como ficará claro na entrevista, seu depoimento biográfico sobre os eventos que o fizeram historiador tardiamente, nos abre portas para compreender suas outras faces humanas, sob vários aspectos desconhecidas, como boêmio, advogado, secretário de estado, dramaturgo popular e militante político ligado a grupos católicos. Conhecê-las nos permite estabelecer elos e compor mais solidamente modelos sobre as dinâmicas de integração entre diferentes grupos humanos em Alagoas e processos de nacionalização popular dos sentimentos, altamente centralizadas em torno da cadeia social delimitada pelo eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Nessa apresentação, destacaremos a importância da entrevista de Sávio para o desdobramento de uma tradição brasileira de conhecimento

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Instituto de Ciências Sociais e membro do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas. Co-líder do Grupo de Pesquisas Afetos, Ambiente e Economia das Simbolizações (GRUPAAES). E-mail: [ferssa@gmail.com](mailto:ferssa@gmail.com)

<sup>2</sup> Economista pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: [paulo.omilayo@gmail.com](mailto:paulo.omilayo@gmail.com)

social que trata da importância dos intelectuais para a aproximação de grupos humanos subalternos de universos simbólicos prestigiosos. Com isso, trazemos descobertas sobre as condições de emergência de intelectuais orientados pela busca de respeito e de reconhecimento para aqueles vistos em seu próprio tempo como marginalizados, perseguidos e desrespeitados.

Durante o século XX, os vínculos entre intelectuais e setores humanos sobre os quais pesavam grossas camadas simbólicas de depreciação de seus valores tornaram-se um dos tópicos importantes para se compreender fenômenos de aproximação psíquica e cultural entre grupos anteriormente mais distantes entre si. No Brasil, tais vínculos foram fundamentais para se criar dimensões de padronização simbólica entre diferentes setores sociais, sintetizadas no reconhecimento de uma cultura nacional brasileira (PECAULT, 1990; ORTIZ, ). Um aspecto de tal padronização está relacionado ao aparecimento de um repertório discursivo étnico, como uma matriz interpretativa de formação do povo brasileiro, associado à ocorrência de processos de miscigenação entre raças. Tal fenômeno permite nos perguntarmos, com os olhos distantes de hoje, sobre como se formam processual e simbolicamente sentidos de pertencimentos humanos mais abrangentes. E, na sequência, como se integram, de diferentes maneiras, grupos que descendem de unidades sociais que, no passado, eram mais heterogêneas entre si (ELIAS, WOUTERS).

O aparecimento de um léxico racista sobre populações subalternas, reconhecidas como negras, indígenas e mestiças durante o século XIX, dando-lhes significados racialmente depreciativos como parte do povo brasileiro pode ser também compreendido como um resultado de pressões não intencionadas por aproximação social decorrente da cadeia de ligações do período. A intensidade da expansão e da diferenciação de um repertório intelectual racista para representar populações subalternas ganha nitidez entrelaçadamente à diversificação de um acervo de símbolos que representava uma nova dimensão de ligações humanas desses amplos setores subalternos com diferentes grupos dominantes, qual seja, a de formação de um “Nós” nacional. Tais processos de intelectualização estiveram vinculados a um conjunto de instituições predominantes nas principais cidades brasileiras entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, como os Institutos Geográfico e Históricos, Museus Etnográficos, Faculdades de Direito e de Medicina (SCHWARCZ,

1993. Ademais, nesse contexto, se proliferaram as menos pretensamente científicas Academias de Letras. Os egressos de tais instituições, estreitamente associados às instâncias comunicacionais, como jornais, revistas e editoras, desempenharam funções altamente significativas de aproximação entre grupos humanos, mediante a constituição de novas camadas simbólicas de integração, desencadeando, por sua vez, novos fenômenos de disputas por poder no plano cultural. Aproximando-se ou facilitando a aproximação entre diferentes tipos humanos, as obras, discursos e opiniões veiculadas em escalas cada vez mais amplas, fez chegar um crescente repertório de símbolos sobre grupos subalternos, eivado de diferentes gradientes de fantasia e de diálogo concreto com os fatos.

Enovelados a essa estrutura de equilíbrios entre grupos humanos, o que muitos de nós hoje tende a ver apenas como expressões de discriminação, exclusão e marginalização, pode nos ajudar a ver outro fenômeno em meio a estes, mas de ordem sociológica mais abrangente: o aumento de importância dos jogos de poder intelectuais na formação e no desenvolvimento da estratificação de agrupamentos humanos. Se adotarmos esse ponto de vista, talvez sejamos pressionados a perceber que as experiências de segregação, desprestígio e humilhação, muitas delas naturalizadas e associadas às lógicas de ranqueamento social, passam a estar mais dependentes de lutas intelectuais e, em meios a estas, as de caráter científico, atraindo uma parte importante de grupos sociais brasileiros para este tipo de combate e disputa pelos destinos humanos. Parcela importante dos atraídos não eram apenas aqueles que colocavam a si mesmos como superiores, diminuindo o valor humano daqueles vistos como “párias”, fontes de patologias sociais. Muitos daqueles que passam a adentrar as disputas associadas ao manuseio das linguagens intelectuais tomarão partido e as dores, mesmo que ambivalentemente, dos simbolizados como rejeitados, discriminados, abandonados e perseguidos. Em outras palavras, atizará a centelha daqueles que, sem antecipadamente saberem, estarão mais predispostos a buscar alternativas ao conhecimento existente e, assim, renovar o repertório de conhecimento e de reflexões sobre as populações que os circundam.

É curioso notar, por exemplo, as diferenças nas configurações sociais expressas na recepção de obras como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicada no início do século XX, e naquela na qual se disseminou

os romances regionalistas de escritores Nordestinos, publicados após 1930. A primeira significou uma ampliação do conhecimento das condições de vida e das crenças de populações sertanejas por grupos humanos residentes no Centro-sul e nas principais cidades do litoral, alcançadas pelas redes de jornais, revistas e editoras. Essa rede, no entanto, era muito pequena em comparação à população existente no território brasileiro que estava fora do alcance desses espaços de mercantilização cultural e de serviços estatais. No período pós 1930, as obras de romancistas tais como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Jorge Amado chegaram por canais ainda mais abrangentes, com a ampliação de um público consumidor alfabetizado, empreendimentos editoriais e da disseminação do rádio, expandindo, numa escala sem precedentes, a participação de grupos subalternos na composição de símbolos que comporiam espaços de integração nacional, com destaque para a música popular urbana. Antônio Cândido, crítico literário amplamente reconhecido, concedeu um depoimento sobre sua experiência de leitor, ainda jovem, e do significado da descoberta do romance regionalista após 1930 em sua cidade natal, Poços de Caldas, no interior de Minas Gerais. Sua fala é bastante expressiva da ampliação da aproximação humana pela via intelectual que estava em curso no Brasil dos anos 30, em relação à configuração existente no início do século XX:

Se eu faço um retrospecto, a impressão que eu tenho, para mim, pessoalmente, esses livros [romances pós 30] foram, sobretudo, [...] uma descoberta do Brasil. Por que, naquele tempo, o Brasil era muito disperso, os brasileiros não se conheciam e os brasileiros não se comunicavam. [...] Para mim, essa literatura ficcional serviu pra fazer conhecer o Brasil. Uma coisa muito pouco estética, mas extremamente humana, [...] foi me fazer conhecer o Nordeste, a Amazônia, o Rio Grande do Sul, o meu próprio estado de Minas. [...] Isso justifica que, pra mim, mocinho, esse romance teve, antes de mais nada, uma função de descoberta. A segunda coisa, talvez até mais importante que essa é que *esse romance me aproximou do pobre e do desvalido*. [...] *Foi a primeira vez que li romances sobre a vida do negro, sobre a vida do trabalhador de cacau, sobre o jagunço*. [...] *Nós começamos a ver o Brasil pobre, o Brasil esquecido, o Brasil espezinado*. Eu lembro da emoção extraordinária

que eu tinha lendo, por exemplo Suor de Jorge Amado, a vida de cortiço. (Depoimento gravado em vídeo no Simpósio Graciliano Ramos – 75 anos do livro Angústia. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=p3rdY-0Ows>>, acessado em 20/12/2015)

O depoimento de Cândido expressa a importância das funções intelectuais para a integração entre grupos humanos no plano simbólico. Esse processo de crescente ampliação das aproximações humanas pelos espaços culturais não se deu apenas pela literatura, mas também nos esforços de investigação das Ciências Sociais. Será sob essa figuração que se proliferará, no Brasil, os esforços de investigação de fenômenos sob o ponto de vista cultural étnico-racial tendo como grande figura de síntese Gilberto Freyre, e uma nova agenda de pesquisa internacional que colocará o Brasil no epicentro da discussão de como grupos “racialmente” distintos podem conviver juntos de maneira não violenta. Sob a cadeia social brasileira pós 30, abre-se dimensões de percepção para o que, prestigiosamente, une os grupos humanos objetos das disputas entre essas representações.

Assim, uma parte importante das dinâmicas de hierarquização e de distribuição do poder da sociedade brasileira passa a depender mais intensamente de jogos intelectuais. Estes não eram apenas disputados por aqueles que ostensivamente propunham avaliações de redução do valor humano de grupos subalternos, que estruturalmente se aproximavam socialmente dos dominantes, mas também por novos setores intelectuais que passam a investir na investigação e representação dos subordinados como fonte de descobertas para a renovação do conhecimento estabelecido. Tendencialmente, os enfocam a partir de posições de combate do grupo social do qual o intelectual está mais proximamente inserido, mirando seus adversários mais próximos nos jogos intelectuais, políticos e sociais. A expansão dessas dinâmicas de conflitos intelectuais, associada estritamente às lutas políticas e econômicas faz, muitas vezes, com que os termos das disputas passem a depender de uma maior aproximação, pela via da investigação, com indivíduos de grupos mais subalternizados. Em meio a essas lutas por dignificação, acaba-se abrindo oportunidades para que indivíduos oriundos desses grupos – simbolizados como inferiores – participem dessas lutas intelectuais. A depender das condições para o favorecimento da ampliação dessa dupla dinâmica, quais sejam, de maior interesse dos intelectuais em conhecer distanciadamente grupos

subalternos por dinâmicas de maior envolvimento com eles, e de ascensão de indivíduos de estratos subalternos pela ampliação de suas participações em jogos intelectuais, criam-se condições para a ampliação da capacidade de grupos humanos diferentes e distanciados entre si perceberem-se como pertencentes a uma mesma sociedade, ainda que como adversários, na dimensão das ligações simbólicas.

Os dutos de expansão das funções afetivas intelectuais como fundamentos de jogos de poder entre as populações do território brasileiro não foram dos mesmos matizes, não foram formados com a mesma intensidade, e não possuem o mesmo gradiente de estilos intelectuais. Em comparação com os epicentros nacionais das forças mercantis e estatais do Brasil – Rio de Janeiro e São Paulo – mas também comparando com os maiores estados do Nordeste como Bahia e Pernambuco, Alagoas adentrará o século XX com um repertório mais limitado de instituições intelectuais. Se observarmos essa restrição comparativa em combinação com as outras principais forças sociais do estado – grupos militares e grande proprietários rurais – teremos os contornos específicos do processo de intelectualização da sociedade alagoana, contando, principalmente, com educadores formados em instituições sacerdotais católicas.

O saber elaborado em território alagoano estará restrito às produções do Instituto Histórico e Geográfico e à Academia de Letras até o início da segunda metade do séc. XX. Aqueles que desejassem alcançar outros estilos de formação intelectual como as faculdades de direito, medicina, engenharia ou a formação nas ciências sociais, precisariam se dirigir a outros estados. Frutos dessa pressão centrífuga são Aurélio Buarque de Holanda, Arthur Ramos, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Manuel Diégues Júnior, Raquel de Queiroz, Gildo Marçal Brandão, Moacir Palmeira. Sávio, que também buscará sua formação intelectual fora de Alagoas, fará toda a sua carreira intelectual tardia em Maceió.

Antes de se dedicar aos indígenas e negros como pesquisador, ele desempenhou importante função como intermediador entre esses grupos, contribuindo para a ampliação de canais de acesso a poderes direta ou indiretamente estatais, seja como educador próximo a Paulo Freire, como dramaturgo popular premiado, seja como secretário de estado no Governo Lamenha Filho, atuando no departamento da cultura.

Um dos episódios ainda pouco conhecidos da história alagoana, do qual é um dos principais responsáveis, é a organização de uma

apresentação de Xangores (Candomblés) oriundos de todo o Estado de Alagoas, no teatro Deodoro. Afrontando o quadro de percepções vigente sobre o que era considerado uma apresentação respeitável nos palcos do teatro da boa sociedade alagoana, intrepidamente organiza um grupo que abre as portas, durante uma semana, para pais e mães-de-santo subirem ao proscênio, mostrarem rituais, cânticos e procedimentos mágico-religiosos. Milhares de pessoas passam pelo teatro durante a semana, pessoas vindas de grupos subalternos, com afinidades com crenças e religiões afro-alagoanas, assistindo rituais, sons e gestos, muitas vezes proibidos e perseguidos, serem apresentados em um espaço prestigiado. Tal festival teve o significado de uma grande pressão sobre as barreiras sociais existentes entre grupos dominantes e dominados, porque incomodava os quadros de percepções sobre o qual estava assentado a respeitabilidade de grupos subalternos, ao serem apresentados em um espaço público dominado por grupos restritos.

A entrevista nos permite observar fatos biográficos que, simultaneamente, o colocava entre as altas posições políticas e intelectuais do estado e também o posicionava como um “marginal” no seio desses grupos dominantes locais e nacionais, vindo a alimentar, durante toda a sua vida, uma grande afinidade com os “maloqueiros”, os perseguidos e desrespeitados. Incluem-se nessas categorias, grupos negros rurais, urbanos e indígenas de diferentes matrizes religiosas que ao longo de quase um século tem se transmutado na atual população de Alagoas.

Esperamos que a entrevista possa ser útil.

F- Primeiramente, algo que me chamou muito atenção em sua trajetória se refere aos núcleos intelectuais de sua geração e a relação com movimentos políticos de diferentes matizes. Estava lendo sobre o senhor, sobre Gildo Marçal Brandão, fiquei muito curioso...

S- Gildo e eu éramos irmãos; nós somos três, andávamos juntos, vivíamos juntos e nos “formamos” juntos: o Gildo, o Dennis e eu. Viemos da mesma matriz que foi a Ação Católica, só que o Dennis Bernardes e o Gildo vão se tornar comunistas.

F- Eu poderia dizer que o senhor estava muito próximo da igreja ainda no sentido daquela discussão sobre economia cristã de alguma maneira?

S- É. Por que eu venho com laços nos trabalhos da CNBB; eu tinha uma vida católica que vou deixando um pouco de lado quando venho pra Maceió, e sempre fui ligado a um cara erroneamente considerado como de direita<sup>3</sup>, mas que no fundo não é. Eu até dei aquele texto sobre o assunto para a revista Estudos Avançados da USP<sup>4</sup>. Esse cara foi uma espécie de pai meu e foi quem salvou minha vida em 64. Eu venho de lá, dessa discussão intrinsecamente ligada a Igreja Católica e de certa forma ainda mantenho laços com o que é chamado catolicismo de esquerda. Eu perdi a vivência religiosa, mas eu não perdi o laço político com a religião, tanto que eu me ligo a CPT [Comissão Pastoral da Terra]. Eu vinha dessa coisa, a bem dizer política que eu tenho, desde os meus dezoitos anos de idade. Eu venho do Movimento de Educação de Base, eu venho do grupo do Paulo Freire...

Eu era o responsável pela experiência de Paulo Freire no Rio Grande do Norte, de trabalhar o conteúdo político da discussão nos círculos de cultura. Eu era menino, tinha o quê, 20 anos de idade. Não sei se você sabe como era o processo, mas se projetava slides com referência a uma palavra que, digamos assim, dava margem para motivar a discussão sobre a realidade na medida em que servia de base para a alfabetização. Naquele slide continha uma informação a respeito da sociedade; então eu trabalhava a discussão daquele slide... Eu me formo aí.

O Gildo se forma e o Dennis também na matriz de um cara que não consegue mais se expressar com facilidade e que contém a memória talvez mais direta da formação da esquerda católica aqui em Alagoas. O Gildo é ligado a ele, no que ele significou: admirava muito. É o padre Clóvis Pradines, um amigo íntimo meu.

Eu sou mais velho que o Dennis e do que o Gildo, mas a geração intelectual em Alagoas é a mesma. Há um descompasso aqui entre geração

---

<sup>3</sup> Refere-se a Dom Eugênio Salles.

<sup>4</sup> Trata-se do texto "Caderneta de Lembranças" em: ALMEIDA, Luís Sávio de. Caderneta de lembranças. Estudos Avançados, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 75-86, Dez. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141999000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000300004&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 Aug. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141999000300004>.

e idade, geração e formação cultural aqui em Alagoas. Tanto é assim que, por diversas vezes, eu lamento profundamente que isso não tenha acontecido, o Gildo e o Dennis, a gente se juntava e queria abrir uma grande discussão do que foi a nossa geração aqui em Alagoas.

Nós somos, possivelmente, da primeira geração urbana de intelectuais em Alagoas e isso pra gente fazia uma diferença incrível porque os padrões da formação do intelectual em Alagoas haviam mudado radicalmente.

O Gildo e nós somos do processo de urbanização de Maceió, quer dizer, nós aparecemos na década de 60. Olhe, somos da década de 60; quer dizer, quando isso daqui estoura, a urbanização aparece, a universidade e algumas figuras desbravadoras vão aparecendo. Aqui tem um jornalista que ele merece um trabalho em cima dele muito sério, daqui a pouco eu digo o nome dele, esse cara teve um caráter civilizatório muito alto, foi ele quem “trouxe” o Pasquim, ele quem traz Beatles, é ele que traz Rolling Stones, é ele que começa a escrever sobre coisas que nunca a intelectualidade de Alagoas discutia, aí é que vem justamente o caráter urbano. Isso forma um grupinho aqui em Maceió, após o grupo da geração de trinta. Agora a gente tem outra visão de mundo, apertada, acochada, mas você começa a ter a vontade de sair, de se formar, mas ao mesmo tempo, isso quem trabalha bem é o Cícero Péricles, vão sendo formadas as condições para que você começa a ter uma vida universitária aqui que não existia. A universidade vai quebrando o padrão de intelectual [existente], vem gente de fora, isso é absolutamente salutar, por que isto terminou por quebrar um núcleo de compadrio. Esse troço tendeu a desaparecer com a vinda de gente de fora, você tem então uma nova geração encontrando um processo de urbanização, encontrando a construção da universidade e encontrando a quebra do padrão do intelectual anterior.

Por exemplo, você já não escuta uma expressão que era corrente naquele tempo: “fulano de tal é uma assumidade”, esse cara desapareceu, as “sumidades” desapareceram, quer dizer, você já enxerga, você já vê que inteligência e chinelo podem conviver, e vai quebrando um pouco o padrão da construção da ideia do social dentro da universidade.

Quebrando este padrão, você começa a ter discussões que você não tinha. Antes, se você era um bom advogado ou um bom orador sacro, você já era professor de alguma área ligada a ideia de ciências sociais. História

paga um preço que é um negócio incalculável, geografia paga um preço incrível.

Aí chega a oportunidade de alguns daqui partirem para fazer uma pós-graduação e quando chegam, eles repetem quase que um mote do passado e vem com o título de nobreza. Quando um sujeito dizia: “eu sou mestre” era o cão chupando manga né? Daqui a pouco você começa a verificar que isto é mais do que trivial. Hoje em dia nós já produzimos os nossos mestres, tem áreas que já produzem os nossos doutores. Isso foi nãoa velocidade, que eu estou lhe contando, uma história de uns quarenta anos, de nada né? Quer dizer, em quarenta anos houve uma transformação muito grande e o engraçado é que você passa a ter uma produção que não há comparação com a anterior.

Às vezes, você pega textos consagrados, que eram consagrados naquela época e hoje em dia você não consideraria. Existe coisa muito boa feita por eles, eles não fizeram somente coisa ruim não, tem muita gente de um extraordinário valor na geração passada, mas era a temática, a forma de abordar que já não batia com essa efervescência que em poucos anos, quarenta anos deu essa mudança absolutamente radical. Se você perguntar hoje o que é a Academia Alagoana de Letras ninguém sabe lhe responder, mas quando você perguntava antes, o povo chamava “as sumidades”, ali era o lugar das sumidades e o Instituto Histórico era o lugar da sumidade e meia.

Hoje em dia essas coisas perderam completamente o sentido e você começa a ver a fluência de um pessoal que não tinha costados por aí. Você antes tinha que imitar um padrão tradicional e era a época dos príncipes, é príncipe dos poetas, príncipe disso, herói daquilo outro, você tinha que se chegar a esses padrões para poder penetrar nisso que você chamou de elite; e quando começa com a geração da gente – que os três concordavam que éramos a primeira geração intelectual que se fazia no crescimento urbano de Maceió; é na mesma época que surge Dirceu [Lindoso], embora Dirceu vá viver fora daqui, mas o Dirceu vive fora daqui, mas é uma cabeça daqui. Você teve em Alagoas um hiato muito grande porque a geração que havia aqui em trinta foi embora e não houve quem ocupasse o poder do destaque e o espaço que ficou. Vão-se embora daqui Graciliano. Peso pesado. Raquel de Queiroz. Peso pesado. Aurélio Buarque de Holanda. Peso pesado. O velho Diégues, peso pesado, quem mais vai embora... O José Lins do Rêgo

vai embora, tava aqui também, então você tem uma geração toda que é expulsa.

P – O Otávio tinha ido antes

S – O Otávio tinha ido antes, o Otávio foi em [mil novecentos e] dezenove. O Otávio sai daqui por conta da perseguição que houve ao movimento anarquista. Na forma como eu analiso, Alagoas teve as três grandes formas de se conhecer entre 1872 à 1902, quer dizer, em trinta anos ela coloca os três grandes padrões de se ver. É engraçado, nãoa passada do escravismo pra a formalização capitalista e do Império para a República é a primeira vez que você vai ter a possibilidade de dizer que Alagoas tem uma cidade também, que é Maceió né.

Esses paradigmas que são construídos aí, ainda hoje são utilizados. Em 1872, surge o primeiro número da revista do Instituto Histórico [e Geográfico de Alagoas]. Os três primeiros números trazem os principais trabalhos, que são desse cara. Estaria representando realmente o objetivo do intelectual. Ele constrói uma forma de ver Alagoas. Dentro do Instituto nasce outra forma de ver Alagoas que é uma forma absolutamente diferente da dele no seguinte sentido, ele aqui aqui diz: “isso foi feito pelos homens bons, então é perfeito, tudo isso é exemplar; não há o que discutir, a sociedade é perfeita e acabada”. Isso rola em Alagoas hoje que é uma coisa séria ainda hoje, especialmente no discurso do governo, aí vem um cara da mesma época, ele já tinha uma diferençazinha, ele já era abolicionista, esse cara, e ele constrói um outro esquema de ver Alagoas, quer dizer você tem o que aperfeiçoar.

M – É o Dias Cabral.

S – É o Dias Cabral, e você tem que aperfeiçoar e você tem coisas a discutir que não estão no breviário do que o cara lá ta, você já pode falar em Zumbi, você já pode discutir escravidão, já pode discutir imprensa. Ele aflora uma porrada de coisa que não era nobre historicamente. O Dias Cabral é outro paradigma. É um homem notável e ainda não estudado.

F – Agora é curioso que desde o início estes temas já estão lá no Instituto Histórico e Geográfico. Como nós temos uma visão muito culturalista, quase tudo foi inventado depois de setenta, perdemos totalmente a dimensão do papel que tinha na discussão a auto imagem da elite.

S – Olhe, é nele, é nele, por ele e dele. Não é só que seja dele. É nele, é ele que faz e é por ele que ele faz. Ele sabe exatamente que ali é uma

plataforma política, talvez o maior texto feito sobre política de Alagoas. Eu considero tanto que eu “roubei” o título do cara para enfeixar o título da minha dissertação, quer dizer, tese de doutorado<sup>5</sup>, é um camarada que se eu não me engano escreve em mil novecentos e onze, e ele sabe perfeitamente, que ele tem um discurso político a fazer e faz com uma maestria que é qualquer coisa, assim, incrível. Esqueço o nome dele, é esse cara que faz uma revisão da política do século dezenove, fantástico, extraordinário, mas é o Instituto falando, é, digamos assim, uma plataforma que é montada para oportunizar o discurso que é realizado.

M – É o memorial biográfico...

S – É o memorial biográfico do comendador José Rodrigues Lins Pitanga<sup>6</sup>. Eu acho o melhor texto senhorial já escrito em Alagoas.

F – Então, eu tinha muita curiosidade, assim, um pouco na sua figura, pensando, por exemplo, assim, o que faziam seus avós, você lembra?

S – Lembro, Lembro e vou lhe dizer uma coisa, eu sou a história deles, eu estou aqui sentado por causa da história deles, que era constantemente repassada por meu pai e minha mãe. Eu chego em Alagoas com as tropas de Domingos Jorge Velho. O corpo da minha família em Alagoas é o capitão Anestounio Roiz Vieira que vai ser dono de uma propriedade imensa na Barra do Porongaba, justamente uma das sesmarias prometidas pela Coroa em face da destruição dos Palmares. Aí depois pega toda a região que é minha história pessoal e história da minha família. Só que a história da minha família como toda e qualquer família deve acontecer, alguns vão ser ricos, outros vão ser pobres e outros vão empobrecer. Desde mil novecentos e vinte cinco que a minha família escreve a história dela. Você tem em mil novecentos e vinte cinco, eu acredito que o melhor historiador que Alagoas já teve é um cara chamado Venceslau de Almeida, esse cara era meu primo e foi assassinado, esse camarada nunca saiu de Alagoas, nunca saiu da vila, nem de Capela que é o lugar de onde a gente vem, da beira do Paraíba, ali em Capela. Quando ele morreu o Taunay, naquela época um grande historiador, fez um elogio

---

<sup>5</sup> Publicada em livro com o mesmo título. Ver ALMEIDA, Sávio. *Memorial biográfico de Vicente de Paula, o capitão de todas as matas*. Maceió: Edufal, 2008.

<sup>6</sup> Ver: OITICICA, Francisco de Paula Leite e. Memorial biográfico do Comendador José Rodrigues Leite Pitanga. Revista do Instituto Archeologico e Geografico Alagoano, Maceió, v. 6, jan-jun. 1915.

ao trabalho deste cara que é um negócio incrível. Pois bem, esse cara começa a escrever a história da família da gente, aí passa a existir aquilo que é caderneta do Venceslau na família da gente. A gente vai botando o nome a depender de onde o cara escreveu, era uma cadernetazinha deste tamanho assim que ele tomava nota era a caderneta do Venceslau.

Quem passou para mim foi um primo, isso eu vi na varanda da usina João de Deus, na mão do coronel Zé Otávio, que era primo do Venceslau que era meu primo. Alagoas é um incesto na elite.

S – O cara primo do Venceslau... Aí chama o véio Pedro, aí começa a existir na família duas tradições, a do escritor e a tradição do copista, aí o véio Pedro vai ser copista do Venceslau, ou seja, ele copia o que Venceslau escreveu para não se perder e copia não livro deste tamanho de ata, e também coloca os dados dele, aí vai ser o livro do véio Pedro. Bom, depois do livro do veio Pedro, o Eustáquio um primo meu, pega a caderneta do Venceslau e já bota a parte dele aí fica a caderneta do Eustáquio. A Anestounia que é prima desse cara que é meu primo também, copia nos cadernos e bota a parte dela aí fica os cadernos da Anestounia, aí depois veio o livro do Manuel, meu pai, meu pai escreveu um livro sobre a vida dele, aí foi o livro do Manuel. O pai do Mário Aloísio que é meu primo também escreve sobre a vida dele é livro do Aloísio. O pai do Aloísio, o Tio Pedrinho, escreveu suas memórias também e segue por aí.

F – Mas seus avós faziam o que exatamente?

S – Minha vó mãe do meu pai, ela desmanchava roça de farinha, era minha vó Adelaide, o meu avô, pai do meu pai era banguzeiro. O meu avô pai da minha mãe, ele tinha engenho banguê, a minha avó era irmã de um cara tão rico que diziam que de vez em quando tinha que abrir a burra, o cofre para a nota não mofar, mas ...

M – Era quem?

S – Era o Major Dionísio

F – Major Dionísio...

S – Major Dionísio da Capela. Só que aí começam as histórias. O meu avô entra em falência, o meu avô traz, como banguzeiro, o açúcar para embarcar e o preço não cobriu as despesas. O meu tio irmão do meu pai, era o cara mais rico de Alagoas, segundo se dizia. Ele tinha usina de açúcar, uns setenta engenhos de açúcar, foi ele quem colocou o telefone aqui em Maceió. Quer dizer, eu estou no alto patamar da nobreza do açúcar

por aí, mas a questão é que meu avô fale. Em Capela, Vale do Paraíba, quer dizer, quando perguntam assim o que é que você é, [eu digo que] eu sou de Jundiá do Rio Paraíba. Aí esse meu avô perde tudo nãoa crise que houve do açúcar, ele traz a mercadoria para vender aqui e o açúcar cai não preço tão baixo que praticamente, entre aspas, nem sequer deu para pagar o frete, exagerei isso para fazer uma imagem. Então ele virou alcoólatra. O primo, o filho, nessa época, dono de uma usina de açúcar mantém ele, mas a minha avó era uma mulher extraordinária, rebela-se contra isso e não se submete a viver com meu avô e foge. Naquele tempo uma mulher fazer isso era uma coisa que não tava no gibi e carrega meu pai, e o pior... Minha avó foi uma mulher fora de seu tempo.

F – Mas, ele alcoólatra, era violento?

S – Não, ele era alcoólatra, ela não suportava mais a vida, embora diziam ser um homem bom e apaixonado por ela, afirmavam, eu ainda a vi, afirmavam que ela era uma mulher lindíssima, moça e ele um cara velho e um alcoólatra. Ela foge com um morador da fazenda, e quando foge carrega meu pai e deixa todos os outros filhos; aí meu pai vai pedir esmola, meu pai vai pedir esmola. Eles tiveram que viver absolutamente escondidos; iam matá-los, a vingança da família. Tudo isto está exposto por meu pai no livro que escreveu, embora seja uma história contada por sua ótica e quem sabe, às vezes, injusta. Contam que minha avó chegou a prostituir-se; cheguei a ouvir de não sei quem esta história. Eu não sei. Não acredito e se foi, que tenha sido! Qual o problema? Sei apenas que era uma grande mulher e que escolheu um seu caminho para ver-se livre do que considerava uma pesada opressão. Encontrou depois um homem que conseguiu dar-lhe uma nova família, e por quem tenho uma grande admiração.

Lamento não tê-lo conhecido; eu o respeitaria tranquilamente como a um avô; deve ter sido um grande homem. Conheci apenas uma sobrinha de meu pai; não a vi muitas vezes, mas ela para mim ficou como carinho pelo menino que eu era. Ainda hoje recordo de sua meiguice, seu jeito simples: chamava-se Nazaré. Toda vez que eu passava por Propriá, lembrava-me e lembro-me dela e da minha avó. Ela passou um tempo em, nossa casa, em Penedo e a guardo com seu sorriso.

Agora você veja, quem publica o livro do meu pai já é o Sindicato do Açúcar, tá vendo agora a história, tá vendo como quem passar pela saga da minha família, passa pela vida do açúcar na mata, por que meu pai

quando morre ele é diretor de qualquer coisa da Cooperativa dos Usineiros. Como quem diz, ele concertou a vida dele e hoje em dia eu ainda vivo com o que meu pai deixou pra mim, se ele não tivesse deixado eu não conseguia viver porque não dava para viver.

F – Como ele chegou até bancário do Banco do Brasil?

S – Segundo contam, por conta das encrencas com esse irmão rico. Quando ele volta [após a fuga da avó de Sávio carregando o pai de Sávio], a família pensava que ele sabia que a minha vó ia fugir, por que minha vó só carregou ele, então isolaram ele. Só quem não isolou foi meu avô, pai dele. O pai puxou ele e cuidou, mas aí ele fica achando que se ficasse em Capela ele não ia ser nada na vida. Ele foi fazer a vida no Rio, aí ele entrou no exército, depois sai do exército e entra na polícia. No exército, foi servir o exército no Rio depois ele vai pra polícia, sai do exército e vai pra polícia.

F – Por que ele escolheu o exército naquele momento?

S – Porque era a única forma de encontrar um lugar para comer. Onde é que ia comer? Isso ele conta tudo no diário, no livro dele, é onde ele se pergunta onde ia comer o que? Esse livro<sup>7</sup> é um negócio interessantíssimo por que ele faz um achado incrível. Quando ele se aposentou, toda a direção do Banco do Brasil veio para Maceió fazer homenagem a ele, veja bem, presidente, vice-presidente, a diretoria do Banco. Vieram todinhos. O Teoestounio Vilela, que era amicíssimo dele, o vóio Teoestounio, quando papai morreu, ele chamava papai o vice-rei do açúcar.

Escreve um artigo assim, quando papai morre, o vice-rei do açúcar, ele foi quem deu a modernidade do parque industrial do açúcar aqui, em Alagoas, que, veja bem, ele vai pra polícia. Quando vai na polícia, ele vai pegar um marginal, uma encrenca. Vai trocar tiro por lá. Ele disse que ficou escondido no mato e não prestou muita atenção. O cara passou com uma foice e cortou o braço dele com a foice, e cortou isso aqui do braço dele, então a mão dele era assim [faz uma demonstração]. Aí ele fica sem poder ser soldado de polícia. Ele diz que foi fazer o concurso para motorneiro de bonde. O cara disse: “mas o senhor para ser motorneiro de bonde tem que deixar aqui, vamos dizer assim vinte reais de calção”, aí ele diz assim: “homi, se eu tivesse vinte reais eu ia ser motorneiro de bonde?”

---

<sup>7</sup> ALMEIDA, Manoel de. Memórias de um homem comum. Editora Gazeta de Alagoas: Maceió, 1992.

Aí ele já fala que ele volta. Quando ele volta, não tem o que fazer e em Capela vai trabalhar com esse tio meu que escreveu folheto de feira sobre a vida dele, tio Pedrinho, que tinha uma bodega no mercado. Ele passa a morar e viver no mercado, escrevendo folheto também. Meu tio Pedrinho escrevia e ensinava a ele e ficavam os dois fazendo folheto.

Ele morava nãoa rua imensamente pobre de Capela, tanto que quando ele foi casar com a minha mãe, minha vó perguntou a ela, perguntou a minha mãe: “mas minha filha você vai casar com um homem que é muito mais pobre que você, como é que vai ser isso?” Aí ele vai estudar sozinho. Meu pai brincava comigo quando via o entrevistador do censo, batia assim e dizia: “como é que eu sou analfabeto?”

Meu pai era considerado um dos maiores especialistas na economia do açúcar do país. O que ele sabia sobre o açúcar não tá no gibi. Conta o pessoal de Capela que ele ficava estudando, dentro do mercado, quando o mercado fechava. Ele ficava estudando naqueles caixotes de querosene, naqueles negócios, varava a noite estudando. Resultado: fez o concurso do Banco do Brasil daquele tempo, que equivale ao Itamarati de hoje né? E passou, mas antes disso... Minto, perde, perde por causa do braço, que não dava para datilografia, perde por causa da datilografia, aí ele passa uma temporada fazendo exercício no braço.

Nesse intervalo, ele, que era um sujeito que lia né, ele lia pra cassete, a biblioteca do cara era uma coisa imensa, ele começou... Ele lia, lia, lia e vem um prefeito que chama para ser um secretário da prefeitura. Aí começa a melhoria, aí ele vai ser secretário da prefeitura e implanta um sistema [contábil] na prefeitura, o sistema que ele implantou foi elogiado aqui em Maceió, na época, como o melhor do interior, e aí já outra prefeitura chama, e ele aí já vai pra lá. Nessa prefeitura ele monta um ginásio, nessa outra prefeitura ele monta um colégio internato.

F – Ele se alfabetizou onde?

S – Sozinho.

F – Sozinho, lá em Capela?

S – Papai falava inglês, falava francês, tudo só [sozinho]. Ele brincava e dizia: “eu sou analfabeto?” Papai foi professor de inglês.

F – Mas, onde ele teve acesso para se alfabetizar?

S – Por que, veja bem, você está esquecendo de uma coisa: uma cidade do interior daquela época tinha um padre, que era normalmente um intelectual, tinha um juiz de direito. Eu fui amigo de um

juiz de direito do tempo de meu pai na Capela e esse foi meu professor. Esse juiz de direito morreu, Professor Miranda. Minha mãe vai ser mestra rural. A minha mãe vendia jogo de bicho. Não tem estes talões de jogo de bicho? Minha mãe vendia aquilo, ficava vendendo jogo de bicho com meu avô, que meu avô fale também, o pai da minha mãe vai pra falência também, aí ele vai pra Quebrangulo. Ele diz: “eu só tinha uma coisa a fazer se eu ficasse em Quebrangulo e eu não queria de jeito nenhum ser fazendeiro”. Senão eu comprava um pedaço de terra ali e ficava criando boi né? Isso eu não queria, não queria isso pra mim coisa nenhuma e aí ele vai e faz um novo concurso do Banco do Brasil e já recuperando parte dos movimentos e passa nos primeiros lugares no Brasil todo e entra no Banco do Brasil e vem trabalhar em Maceió. Eu nasço aqui nessa época. Com três meses de idade vou com ele para Minas Gerais, pra Pirapora, em Minas Gerais. Agora, minha mãe não aguentava viver fora de Alagoas, nem ele, aí é que começa minha cabeça porque eu passei toda a minha vida ouvindo as histórias da Capela e eram tão fantásticas, tão fantásticas que eu não precisa desses negócios de brinquedo, essas coisas, por que o que me contavam me encantava, isto é, o que ficou aqui, tudo que eu faço hoje se você brincar, boca do meu pai, boca da minha mãe e papai sabia disso, antes de morrer... Ah aí começa na tradição da família, o livro do Sávio filho do Manuel, aí meu pai já velho, eu conversava com meu pai no mínimo duas horas por dia, eu nunca deixei meu pai. Quando era sábado, quando era domingo eu passava o sábado e o domingo todinho conversando com ele.

F- Mas, seus pais eram religiosos?

S - Meu pai não, minha mãe sim.

F – Católica?

S – Minha mãe era católica, meu pai não.

F – De freqüentar missa toda semana...

S – Não, a minha mãe era uma macumbeira, que não sabia que era macumbeira aí se dizia católica. A minha mãe me benzia, minha mãe era benzedeira minha, dizia: sente aí, minha mãe me benzia com os negócios dela todinho, minha mãe era macumbeira, mas ela não sabia.

F – Mas era macumbeira na tradição das rezas, das rezadeiras ou do afro-brasileiro?

S – Macumbeira no sentido das rezadeiras e macumbeira no sentido do espírito... Se você falasse em macumba, ela ficava assim, mas, porque

tinha medo, agora eu tenho uma filha que é filha de santo do Manoel Xoroquê. E a minha mãe dava corda a ela. Mas aí meu pai vem. Ele não conseguiu viver fora de Alagoas. Meu pai vem para Penedo. De Penedo, era como se a mamãe, para ter filho, tivesse que estar em Alagoas, tinha outro canto no mundo não. Aí minha mãe pariu, nós fomos para perto de Juiz de Fora, em Minas Gerais, Bicas; de lá nós viemos para Palmares em Pernambuco. Mas quem me ensinou a escrever foi a Dona Maria José do Cajueiro Grande, em Penedo. Um tinteiro e uma caneta tinteiro. Por que minha mãe não me levava para canto nenhum, ela dizia vá e eu tinha que ir, eu saía. Eu batia aquele Penedo [a cidade] todinho, cinco, seis, sete anos de idade só, fazendo tudo, nunca minha mãe e nem o meu pai me levaram para canto nenhum não. Entenda. Estou dando ênfase ao fato de que naquela época a rua era mais livre de problemas.

Depois de velho, já adolescente, meu pai não me dava dinheiro, você quer, vá trabalhar. Eu tirei areia de rio. Para fazer farra, minha mãe me dava por fora, minha mãe mandava eu fazer a feira e dizia: “fique com o troco”. Se eu pedisse pra ir aos Estados Unidos vá, tome dinheiro vá. Me dê quinhentos mil réis para eu comprar de livro, tá aqui o dinheiro, agora, se eu dissesse: eu quero ir para a festa, vá trabalhar, vá lavar um carro... Carro é figurado. Não tínhamos à época

F – De onde vinha o gosto dele por livro? Porque o senhor falou assim, na cidade ele se alfabetizou, um autodidata, mas falou assim: você se esquece que tem o padre ...

S – O padre, o juiz de direito...

F – Qual era a relação que eles tinham...

S – Há uma vida, há uma vida nessas cidades, havia naquele tempo uma vida orgânica, quer dizer a gente pensa que aquilo era o fim do mundo, era o fim do mundo, mas tinha o comecinho do mundo também, então você tinha aquelas discussões, como ainda hoje se você chegar nãoa cidade dessas do interior, você consegue saber quem é o intelectual da cidade, quem é quem. Mas naquele tempo que era deste tamanhosinho assim, um ovo, você sabia exatamente onde estava a inteligência: era o promotor, o juiz, o professor e o padre; e papai vivia com eles.

P – Professor, mas o fato mesmo de seu pai ter empobrecido, e ao mesmo tempo ser um “fidalgo”, isso pesava?

S – Não, [eles] olham para isso não.

P – O fato de ele pertencer a uma família...

S – O açúcar não olha para isso não, por que o açúcar é um antropofágico, o açúcar é o pior... O meu pai, revela ele, e o pai do Mário Aloísio também, ele revela o que acontece quando o açúcar lhe expulsa.<sup>8</sup> Eles tentaram a todo custo voltar, mas eles tiveram que fazer uma vida urbana, pra que dessa vida urbana pudesse dominar o açúcar novamente, por que o pai de Mário Aloísio conseguiu também.

P – Há toda uma tradição de empobrecimento de pessoas que depois voltam a ascender?

S – No açúcar não.

S – Olhe, você vê o usineiro, usineiros hoje, que eram pessoas ricas né, que tinha toda aquela pompa do dinheiro, etc. Hoje, duvido que um usineiro converse com outro falido, É o espírito da concorrência. O açúcar não perdoa quem falha, embora ele viva falhando, mas ele não perdoa quem falha. Esses usineiros que você tem hoje aqui são absolutamente diferenciados também, se você fala, se você fala a palavra usineiro no correr desses anos todos você ta cometendo um erro muito grande por que o usineiro de hoje, não é o usineiro antigo não.

F – Mas então, porque na verdade não existia a ideia de usineiro, inclusive como classe, existia muito mais as famílias que tinham negócios em usina.

S – Todo o açúcar é patrimonial, não é empresarial. É só depois de cerca dos quarenta a cinquenta anos [pra cá] é que você começa a pensar o [ethos] empresarial do usineiro, então o que é que acontece? Ele – o açúcar – entende que tem que acabar com o que fez. O que o açúcar fez ele entende que tem que acabar, então o que acontece? O usineiro hoje tem usina, mas não vive da usina, ele vai ter a empresa pecuária com ele, ele vai ter investimento em banco.

F – Imobiliário.

S – Imobiliário, o usineiro hoje tem uma diversificação de investimentos, não é o cara patrimonial, quer dizer, é este cara patrimonial que pega a questão da família que pega a questão do status local, que aí vai...

---

<sup>8</sup> Muitas dessas memórias estão em ALMEIDA, Luís Sávio de. *Crônicas Alagoanas (I). Lembranças das matas e agrestados de Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2006 e em ALMEIDA, Luís Sávio de. *A História Escrita no Chão*. Maceió: EDUFAL, 1997.

F – Mas é que eu estou querendo entender, o pai do senhor, se eu estou entendendo ele carregava um pouco do estigma, daquela situação [da mãe dele ter fugido com um morador da fazenda do marido],

S – Carregava, carregava.

F - Então isso de alguma maneira pesou por que afetava uma coisa muito importante que era a lógica do prestígio dentro da família.

S – Claro.

F – Então, a minha dúvida é a seguinte: por que ele tomou afinidade não com a imagem do usineiro e sim com a do juiz e com a do padre, da figura do intelectual?

S – Por que era, era onde ele convivia, onde ele podia conviver, ele vai começar a participar do que chamava tertúlia né, ele vai ter esta chance da tertúlia, pelo seguinte: porque ele podia ser o que fosse, mas, ele era irmão do coronel Zé de Almeida.

P – Então, no fundo, a coisa da fidalguia pesa como no fundo eu coloquei né!

S – Ninguém podia negar isso, e sabe que [ele] era meio [de] esquerda né? Ele nunca foi perseguido por isso, agora, se por trás, se havia uma boa aceitação dele, isso é outra história. Só que ele para se fazer, teve [de] largar o açúcar; aí ele foi ser urbano. Foi quando ele corre para o Banco do Brasil, quando ele volta, ele já volta com uma autoridade sobre o açúcar.

F – O senhor fala que ele tanto conhecia muito da economia do açúcar, ele entendia de contabilidade antes de entrar no Banco do Brasil.

S – Estudou sozinho. Ele trabalhava no mercado. Isto não é muito claro para mim; soube que tinha o título de Contador, mas não sei como obteve, mas não me parece ser desta época não. Quando ele monta o sistema de contabilidade que vem pra cá, ele não sabia o que era contabilidade, ele foi jogado em cima do sistema de contabilidade que ele se sentou, estudou, aprendeu e montou.

F – Qual era a referência que ele tinha, por exemplo, assim espiritual?

S – Papai?

F – Sim. Porque o senhor falou que ele não era católico.

S – Não, ele era católico, ele não era praticante né? Eu nunca vi meu pai altear a voz, nunca ouvi meu pai dizer uma pornografia, era aquele lorde inglês, ele me dizia: “eu não tenho tempo para ter raiva”, ele me dizia: “se eu tivesse tempo para ter raiva eu não tinha andado na vida”. Ele

achava que eu era meio preguiçoso, e era mesmo, eu era, por que o que tomei de cachaça e quebrei a cara não tá no gibi. Eu fui expulso de quase todos os colégios que estudei. Imagine, na cabeça dele que monstro eu era né? Ah, ele tinha um relógio de ouro. Eu sempre quis esse relógio dele e ele dizia: “no dia que eu achar que você é um homem eu dou esse relógio de ouro”. Passou-se o tempo e eu não o recebi. Quando eu estou em Maceió chegou uma caixinha. Uma caixa que eu guardo. Ele disse: “eu nunca me meti na sua vida”, na caixa dizia assim: “eu nunca disse a você que fizesse isso ou deixasse de fazer, quando você queria conversar comigo e me procurava eu conversava, mas me meter na sua vida eu não me metia não”. Isso ele dizendo, né? Mas eu nunca me arrependi, se eu tivesse um filho eu criava exatamente como você é, a não ser que ele fosse ladrão, era o preconceito dele né, a não ser que ele fosse ladrão, mas eu criava exatamente como lhe criei. Aí vi o relógio, ainda hoje eu guardo este relógio. Eu não uso não, mas guardo o relógio.

P – Quando o senhor foi para o exterior fazer o mestrado, ainda é proporcionado pelo poder econômico dele?

S – Fui para o mestrado selecionado, não concurso que eu fiz, ele era putado da vida comigo por que o povo não sabia que eu era filho dele, eu não dizia. Tinha gente que eu apresentava, esse aqui é meu pai, ah você é filho do seu Almeida? Sou. Eu nunca deixei que a posição dele, até mesmo por vaidade minha.

P – Mas as “assumidades” sabiam disso né?

S – Não sei, não sei, poucos sabiam, poucos sabiam, mas alguns sabiam sim.

F- Pelo que você tá falando vocês não tinham uma vida tão pública.

S – Não, nunca tive.

F – O senhor falou que a sua mãe teve um pouco da influência na vida católica na vida do senhor.

S – É.

F – E sua mãe levava o senhor para a igreja?

S – Levava.

F – Com que frequência?

S – Eu só me lembro dela na igreja comigo nesse negócio de maio, não tem aquela festa de maio<sup>9</sup>, por que das missas eu ia só.

---

<sup>9</sup> Provavelmente referente às festas de pentecostes e do mês mariano.

F – Ia só, mas quem foi que estimulou a ir a missa?

S – Ela que dizia: vá para a missa.

F – Do mesmo jeito que ele mandava o senhor ao mercado, mandava para a missa... risos

S – Era e eu ia, e eu fazia o que ela mandava, e eu velho mesmo se ela dissesse: mate um eu matava, por que eu tinha uma admiração por ela. Ela era assim... Meu Deus, eu acho que a minha mãe só sabia o que era o “O” [letra] por causa da boca do copo assim, apesar de ser mestra rural. Mestras rurais eram aquelas professoras do interior que o governo preparava para poder ensinar nos engenhos, mas o que tinha de amor na minha mãe, o que tinha de humanidade na minha mãe sabe? O que tinha de justiça, o que tinha de sabedoria na minha mãe me fascinava. Meu pai, eu só tive muita aproximação com meu pai quando ele estava velho. Agora ele era assim, por exemplo, ele diz você ta onde? Estou na universidade, por hipótese, você entrou na universidade, eu digo: “entrei”, ele diz: “você tem que sair por cima” “Qual é o de cima de uma carreira acadêmica?”, eu digo: “doutor”, “qual é o de cima mesmo da carreira de professor”, eu dizia por exemplo: “Titular”, por hipótese, pois você tem que ser doutor e titular, era a cabeça do meu pai e ele não tava interessado se eu tinha preguiça, ele não tava interessado nisso, eu fui me embora daqui.

F – O senhor nunca viveu nenhuma situação, nada assim que lembrasse a fome?

S – Quando eu nasço meu pai já era rico né? Mas eu tive dois irmãos que morreram. A única coisa que a minha mãe me disse foi assim: “meu filho, um dos dias mais tristes da minha vida foi quando eu vi seu pai sair de cabeça baixa, chorando, com uma caixa de sapato na mão com seu irmão dentro para poder enterrar, não sei por que eu me lembrei de dizer isso. Eu me lembro dela me dizer isso. Então agora é um negócio interessante, porque a minha mãe era cabeça da [cidade de] Capela, morando não edifício que só morava os “ricões” de Maceió, era um negócio interessantíssimo isso.

F – Quando o senhor ia à Igreja, o que atraia o senhor na Igreja, o que o senhor, o que o senhor gostava?

S – Acho que vê as meninas sabe?.

- Risos-

S – A santa não passava na minha cabeça não, mas é a folia né, a igreja era muito mais um encontro, era uma espécie de um ritual. No dia de

sábado ia para o cinema, dia de domingo ia para a igreja. Ela [a igreja] não pesava não, o que vem pesar na minha passagem para a igreja, foi outra coisa, eu tomava uma cachaça muito forte né?

F – Desde quantos anos?

S – Eu fui pra zona com os doze anos de idade, já comia rapariga. Quem me levou pra zona foi eu mostrar que era homem, porque naquele tempo o cara donzelo, o “caba” donzelo era um estigma da bexiga, eu vou andar logo uma para saber como é como é esse negócio e fui para a zona. Nair, o nome da mulher, ainda me lembro hoje. Foi na Coréia, fui pra Coréia em Palmares, em Pernambuco.

P – Não foi em Penedo professor?

S – Em Penedo era o “k martelo”.

S – Então eu morava no interior né? Aí meu pai enlouquece comigo no interior, por causa das cachaças, eu nunca ouvi dizer o que eu fazia, por causa das cachaças que eu tomava, mas, sempre estudava, sempre estudava, aí ele me bota interno em Garanhuns em Pernambuco, pra um colégio presbiteriano, interno.

F – Com quantos anos?

S – Eu fui com treze, sozinho.

F – Com doze o senhor já bebia?

S – Já bebia, aí vou ser expulso do colégio protestante. Porque? Por que eu fui para a zona, fugi e fui para a zona, e lá vai por aí as histórias todinhas. Eu chegava, eu chegava em casa, minha mãe disse que chorava. De vez [em quando] ela tava assim, eu chegava com a mala em casa, suspenso do colégio e fui levando a vida por aí, agora estudava né.

F – O senhor fumava nessa época?

S – Fumava.

F – Desde doze anos?

S – Fumava.

F – Não tinha nenhum estigma nessa época sobre o fumo ou sobre a bebida não?

S – Pelo contrário. Hollywood fumava, a imagem de Hollywood onde se via os grandes artistas. Todos com o cigarro na mão né? E outra coisa que eu me lembro. Eu saía, eu morava ali na rua da Penha, em Penedo, eu saía para ir pra matinê né? Pegava um cigarro desse assim, repara o que eu to dizendo. Fumar era fazer [imitar] que fumava né. Agora, fumar, fumar mesmo, assim, de eu ser profissional de cigarro, eu que eu

tava com uns dezesseis, dezessete, eu era profissional de cigarro mesmo, isso acabou com meu pulmão. É um grande problema para mim isso hoje em dia, meu pulmão não funciona bem.

P – Mas, o senhor falava que a sua relação com o religioso aumenta...

S – Sim, eu chego em Natal, eu sou expulso de lá desse colégio e meu pai foi transferido para ser inspetor do Banco do Brasil em Natal, cuidar de uma agência lá no Rio Grande do Norte. Uma vez eu chego em casa e minha mãe tava chorando, ela gostava de costurar e bordar, ela bordava muito bem. Aí eu perguntei: porque a senhora tá chorando? E ela disse: “por que eu tive três filho homens. Deus levou dois e deixou você que não vale nada”. Exatamente assim a história. “Tenho que te dizer que não vale nada”. Aí me deu aquele negócio, eu não deixei de ir para a zona por causa disso, eu não deixei de fazer farra não, sabe? Mas eu disse vou ajeitar minha vida. É por isso que eu escrevi “Uma noite em Tabariz” essa peça é minha experiência de zona. Aí eu estou entrando na Faculdade de Direito, pelo vestibular. Tinha um cara que era filho de um carola lá, que era amicíssimo meu, esse cara vai ser quem vai organizar a aplicação do método Paulo Freire no Rio Grande do Norte, o Marco Guerra. [Ele] foi exilado. Esse cara chega e diz: “olhe, vai haver um curso para locutor de rádio”. Eu tava doido para ter um dinheirinho e poder evitar de tá pedindo em casa né? Vai haver um curso para locutor de rádio. Aí eu digo: “vou fazer este curso”, e era na rádio da arquidiocese, aí eu: “vou fazer o curso”. Passo em tudo.

F – Mas, o senhor já era ligado à igreja?

S – Não, eu não era ligado à porra nenhuma não, fui fazer o curso para ser locutor, essa coisa de educação rural e meu primeiro emprego foi na rádio. Eu passo em tudo menos para locutor de futebol, eu era uma desgraça. O cara: “é vagaroso”, o cara já fazendo o gol e eu ainda tava dizendo o tiro de meta pra [ainda] chegar no gol e nunca chegava, era uma velocidade da porra aquilo né? Aí eu começo a escrever. Esse cara consegue falar com não sei quem lá. É o Manuel Chaparro que é professor hoje da USP, em jornalismo. Aí começa a falar com Chaparro e eu fico escrevendo o noticiário da rádio e começo a apresentar o programa na rádio também e a rádio era na arquidiocese e eu fui tomando esse barco, fui tomando contato, fui fazendo amizade com o pessoal e daqui há pouco eu estou metido nessa história sem nem saber como comecei.

F – Mas, em Garanhuns, qual foi a ligação, porque o senhor contou a parte que o senhor foi expulso, mas o que que tinha lá dentro que de alguma forma o atraía...

S – O colégio me deu a grande chance de escrever um troço, desmoralizando a própria “pedagogia avançada” dos protestantes da época. Pelo seguinte: porque isso é visto por cima, mas se eu for contar a vida por baixo desse colégio, hoje eu argumentaria que daria escândalo. Por exemplo, cárcere privado, eu passei um mês trancado na enfermaria e não podia descer pra canto nenhum, lá em cima. Só que eu tomei um porre de éter na enfermaria e fiquei doído correndo em cima de um telhado. Quase que me arrebento lá embaixo. Os gringos arranjaram outro canto para eu ir, que eram missionários mexicanos. A noite, o “cabra” chegava pra mim, é bem verdade que eu devia ter feito motivo, vá pra geladeira. Garanhuns já é frio e o termo geladeira é elucidativo, eu ficava lá tremendo na geladeira.

P – Isso é a segunda metade dos anos cinquenta?

S – Isso, era a pedagogia avançada dos presbiterianos. Ah, porque eles trouxeram gabinete de física, química etc. e tal, aí assistia aula nos gabinetes. Nunca vi os caras queimarem uma folha de papel, porque como é que ia substituir o material no Brasil? Se você gastasse, não tinha como substituir.

S – Mas em Natal, eu começo a trabalhar com Paulo Freire, começo a trabalhar com o movimento de educação de base, começo a trabalhar com essas linhas que eram avançadas da igreja da época e fui para a Ação Popular. Um dos caras que funda a ação lá no Rio Grande do Norte sou eu.

P – E o Padre Clóvis [Pradines]?

S - O padre Clóvis, a minha relação com o Clóvis é depois, mas o Clóvis já me conhece em Natal. O Clóvis parece que batizou todos os meus filhos. Eu conheço um cara que teve uma influência em mim muito grande. Hoje em dia não é discutido, mas, naquela época se eu dissesse o nome, diziam porra, era o Padre Henrique Lima Vaz. O Henrique Lima Vaz foi o meu orientador, ele escrevia as cartas pra mim, lia isso, lia isso, lia isso. Eu o conheço através das atividades da Juventude Universitária Católica, eu não sei por que cargas d’água eu fiquei ligado a ele. Em um encontro que houve em Sergipe, eu apresento ou eu falo alguma coisa, porque tudo isso que eu to lhe falando eu era menino, aquele cara, o Carlos Alberto, que escreve sobre a Igreja Católica ele tem uma coisa interessante, ele diz assim:

“Que eram tarefas de homem feito dadas a crianças”. Eu tinha dezoito, dezenove anos. Eu saía organizando pelo Nordeste uma porrada de coisa em torno da igreja. O povo chamava os meninos do Rio Grande do Norte. O Osmar Favero tem um livro<sup>10</sup> muito estudado sobre educação popular, veja lá o que ele diz de mim quando eu tinha dezoito, dezenove anos, foi o cara que mais avançou no sentido de educação popular.

F – De onde vinha esse fervor e a empolgação com a ideia de educação popular?

S – Rapaz, vinha da ideia de revolução.

F – Mas, da onde a ideia de revolução chegava pra vocês?

S – Filosoficamente, por conta da ideia da consciência histórica que era justamente derivada do Vaz, o Padre Vaz, a consciência histórica.

F – O senhor não teve nenhum contato na época com o pessoal do catolicismo aqui em Maceió?

S – Tudo lá [Em Natal.]. Aqui eu tinha quando iam para lá. Quando eu vim pra cá, o Cardeal que eu trabalhava com ele, meu Deus do céu, ele me disse uma frase: “você tem um pé quarenta e dois e vai viver com o sapato trinta e oito, não vá”. E ele fez tudo para eu ir para a Bélgica. Eu tenho cartas e mais cartas dele, acertando a minha ida para a Bélgica, ele não queria que eu ficasse aqui.

F – Mas, eu falo na época, por exemplo, padre Teófanés que começou o colégio Guido e que depois organizou aquele periódico, Mocidade. Eu observei as pessoas que escrevem naquele periódico, muitas pessoas que viriam a ser importantes na cultura alagoana

S – Veja bem, o que existiu nessa época que você tá falando aí é muito muito anterior.

F – Mas então é isso que eu me referi. A ideia de que tem uma tradição que é mais antiga.

S – Maritain.

F – Jaques Maritain.

S – Por ele.

F – Exatamente.

---

<sup>10</sup> Ver FAVERO, Osmar. Cultura popular e educação popular – memória dos anos sessenta. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

S - Por ele, mas este lado que estou discutindo já não passa por ele, esse lado que eu estou discutindo já passa por Chardain, já passa por Emmanuel Monier.

F - Preparando o concílio Vaticano segundo.

S - Já passa, já vai passar pelo João Paulo...

M - João XXIII.

S - João XXIII

F - Exato.

S - Que já vai abrir a discussão do socialismo.

F - Mas que nessa época, a discussão inclusive de Jaques Maritain é a ideia do capitalismo cristão, você tem já naquela época o combate contra os comunistas e os socialistas, de um lado, e contra os liberais, do outro.

S - A história do Clero aqui é a história da ligação com o integralismo e da ligação com o nazismo. Existe textos de padres daqui defendendo Hitler na imprensa, essa mudança, essa pequena coisa que o Theófanos vai fazer já é uma mudança muito grande. Você vai ver é uma entrevista comigo e o Theófanos falando sobre sessenta e quatro, o que é que ele sofreu em sessenta e quatro, e talvez seja a última coisa que restou do Theófanos foi essa conversa comigo. Ó que peste eu sou. Eu sou, onde estou, mas a tal da metamorfose ambulante. Veja só, eu vou, pra começar a explicar isso eu tenho que voltar um pouco pra trás. Vencemos a eleição do DCE. E eu vou ser o diretor cultural do DCE, e vou à Recife, tenho a missão de levar o Paulo Freire pra Natal. Aí vou lá, converso com o Paulo. Acerto e começo a trabalhar com ele. Mas havia um problema muito sério, político, com o partido comunista, que era contra a se trabalhar com Paulo Freire. Primeiro que o Paulo não era comunista, e segundo, o partido comunista naquela época era um partido muito assim detentor da verdade né? Eu não sei como é que eles faziam aliança com a gente e a gente fazia aliança com eles. O que chocava parte da hierarquia, tanto que nasce a AP [Ação Popular Católica]. A AP é fundada dentro da juventude universitária [JUC - Juventude Universitária Católica] pra poder escapar e pra não ser mais Ação Católica, pra nós termos um canal que não era Ação Católica, que era pra não ter comando do bispo. É por isso que a AP nasce. Depois é que a Ação Popular vai ser marxista e leninista, depois. Pois bem, isso vai gerar uma série desses grupos de hoje, inclusive o PCdoB, que vem dessa matriz. O pacto operário estudantil camponês não se integra ao trabalho com Paulo Freire. O trabalho no Rio Grande do Norte foi financiado com o

dinheiro da USAID<sup>11</sup>, mas isto jamais compraria ou possibilitaria pensar-se em comprometimento; era uma oportunidade; jamais se teria uma possibilidade de massa daquela ordem; o dinheiro não estabelecia o conteúdo mas a logística.

F - Mas porquê que eles expulsaram o senhor?

S - Até hoje eu não sei. Eu acho o seguinte: naquela época o Nordeste era conhecido como um barril de pólvora né? E o maior medo que existia era que aqui se repetisse Cuba, então, eu acho que eles quiseram entrar nãoa frente social.

F - Entendi. E Paulo Freire nesse sentido era o homem mais adequado pra isso.

S - Eu não sei se o Paulo era o homem mais adequado pra isso. O Paulo jamais teve qualquer envolvimento e comprometimento [com a USAID]. Quem vai saber disto bem é quem formulou o encontro. Pois bem, e, aí, eu já fico assim meio puto da vida com a esquerda, e um cara que eu soube que era dirigente da AP, havia dito que eu era vendido. Naquela época isso é um insulto que você não consegue imaginar, que eu era vendido ao imperialismo yankee. Porquê que eu era vendido ao imperialismo yankee? Aí eu saio da AP. Quando eu saio da AP, eu já estava um pouco cansado disso tudo. Eu vou dizer a minha sorte. Eu namorava essa menina lá em Natal e quis casar. Onde é que eu ia ter emprego pra ganhar dinheiro? Aqui [Maceió], com a minha família. Aí eu falei com um tio meu e ele disse: "Venha".

F - Até então o senhor tava se sustentando lá como? Só com ações da igreja, do partido?

S - Papai morava lá, morava em Natal, minha família morava em Natal. Aí eu venho, eu passo aqui, aí começa uma coisa que é melhor esquecer. Me chamaram pra ir montar o Paulo Freire em Sergipe, né? Aí eu

---

<sup>11</sup> Trata-se de um órgão estadunidense criado em 1961, com o intuito de organizar o envio de recursos financeiros e logísticos internacionais com fins de assistência a populações civis. Este órgão estava inscrito em planos estratégicos dos Estados Unidos de refrear a influência comunista na América Latina, evitando a repetição da experiência cubana, e posteriormente foi acusado por diferentes grupos de ser um instrumento de instabilidade nas sociedades onde intervia. Nesse caso, é curioso notar como a USAID apoiou diferentes iniciativas da esquerda católica, visando reforçar posições de não-comunistas, mesmo que situados à esquerda, no sentido de compartilhar com propostas socialistas.

disse: “Não vou, eu vim aqui pra ganhar dinheiro, pra casar e vou casar.” E recebi um telegrama, que eu ainda devo ter esse telegrama lá em casa, dos caras dizendo que o Jango ia decretar como o ano da alfabetização e que queria que eu fosse pra Brasília. Já haviam feito certas divisões lá da coisa. Eu ia pra Brasília pra esse ano da alfabetização. É aquela história, quer dizer, era menino, 18 a 20 anos de idade, 21, 22 anos de idade.

Aí acontece março [de 1964], eu entro em contato com Natal, com um irmão do [Dom] Eugênio [Sales] e falo: “rapaz, pergunta ao Dom Eugênio se eu posso ir pra Natal”. Aí eu recebo um recado do cara no outro dia: “Eugênio disse que eu vá pra Recife conversar com você no aeroporto do Recife”.

Olhe, repare, o bispo dizer que eu tinha que ir pra tal canto e mandar o irmão dele, aí fui pra Recife. Disse: “Ói, Eugênio disse que sua vida já tá garantida, mas que você não pode pisar em Natal, você pra pisar em Natal, você só pode ir com a permissão dele.” Eu disse: “Tá certo.” Aí vim pra cá [Maceió], ele disse: “E fique aí, ele disse que fique aí mergulhado de 7 a 8 meses por aí, e não apareça aqui porque o general, que era o comandante lá em Natal, era de vida católica, e tinha uma ligação com o Dom Eugênio que era uma ligação assim do fiel com o bispo. E vai ser a pessoa que vai também estruturar a comissão tripartite antes que o governo acabasse com a Igreja né? Tava pronto pra isso né? E vai participar ele e vai participar Dom Eugênio, e vai participar o Dom Paulo. Dom Paulo foi na revista dos Estudos Avançados elogiar, porque a revista publicou aquele texto meu, foi lá elogiar. Quem me disse isso foi o Marco que é o diretor da revista.

Ele fala com o Murici, e diz ao Murici que em mim ninguém tocava, porque embora eu tivesse discordado dele, jamais eu traí a confiança dele. É que aconteceu um episódio, muito forte, quando eu briguei com Dom Eugênio e saí da Igreja. Brigamos mesmo né? Que eu saí da igreja, mas isso não tombou a amizade pessoal.

Um grupo ligado ao partido comunista me chama pra trabalhar com ele, e eu não fui. Por quê? Porque eu conhecia a Igreja do Rio Grande do Norte como a palma da mão. Se eu fosse os cara, eu, o quê que eu ia fazer? Era uma traição de confiança que era uma coisa né? Aí eu disse não, você me desculpe mas eu não posso, eu moralmente não posso fazer isso. Até que gostaria pelo tipo de trabalho que me convidaram, mas eu sabia que

eles iam se utilizar de mim pra alguma coisa, que era natural. E eu não sei como cargas d'água Dom Eugênio soube disso e mandou me chamar.

Eu conto isso naquele artigo lá, aí ele mandou me chamar. Eugênio tirou cópia daquele negocio e distribuiu pra Deus e o mundo, inclusive o cardeal. Ele disse que uma das coisas mais gratificantes que aconteceram na vida dele foi aquele artigo, porque pensavam que o Eugênio era um direitista né? Mas os enfrentamentos dele eram de outra natureza tática, diziam que ele era inimigo de Dom Helder, mas eram amicíssimos. Tanto que quando perseguiram Dom Helder ele veio pra Recife pra celebrar a missa com Dom Helder. Pois bem, e Dom Helder também me disse que tinha uma amizade incrível por ele. Eugênio vai pra Salvador, vai ser Cardeal Primaz do Brasil. Eu saí muitas vezes daqui pra perguntar coisas a ele lá, se eu fazia aqui ou não, eu nunca fiz nada aqui sem estar combinado com esse grupo da Igreja. Saí muitas vezes, eu e um cara chamado Marco Rocha, que era o diretor da Fullbright no Brasil.

F - Quando o senhor fala "fazer coisas aqui", que tipo de atividade eram essas?

S - Políticas.

F - Políticas evangelizadoras?

S - Não, políticas, política mesmo.

F - Partidária?

S - É, a ditadura. Porque o Eugênio chegou a uma conclusão. Ele não tinha poder de enfrentamento, né? Mas ele tinha público. Essa é a concepção da gente, se a Igreja vai definitivamente contra o exército, o exército liquida porque tava pra isso. É por isso que você tem essas seitas todinhas aí, tudo que você tá vendo aí, isso foi fomentado nessa época. Aí começam a financiar grande parte dessas igrejas contra a atividade da Igreja, é por isso que há essa comissão tripartite, era uma comissão informal em que você tinha 3 representantes da igreja e 3 generais, e antes que estourasse as coisas, tentavam se resolver ali, e Eugênio fazia parte, até que ele sai. Eugênio sai por um motivo muito simples. Prenderam um padre que Eugênio escondia, aí ele virou-se na bixiga da peste, mandou acabar com a porra toda e saiu. Sabe-se dessas coisas por um motivo muito simples. O general, este que disse que me garantiu a vida, que eu falei, morreu e a família sem mexer no material dele, doou à Fundação Getúlio Vargas (FGV). No meio tava as atas dessa reunião tripartite, isso gerou um livro de um americano dessa grossura assim sobre essa comissão, "Na

sombra dos generais"<sup>12</sup>, uma coisa assim. Você teve muitas formas de desgastar a ditadura, talvez a mais burra tenha sido a luta armada. Aí uma vez eu perguntei a ele: "Ô Dom Eugênio, mas o exército não sabe o que o senhor tá fazendo não?" Ele disse: "Sabe, mas é melhor eles não brigarem comigo." 5 mil pessoas esse cabra salvou, 5 mil, 5 mil. Aí ele dá entrevista pro jornal do Brasil, quando ele manda essa carta pra mim, dizendo que eu tinha sido um dos Cireneus da vida dele, o cara que carrega a cruz né? Ele diz, aí eu respondo a carta dele, eu digo: "Olhe, eu se fosse você mandava arrumar toda a sua documentação, pra que você, quando morrer, apareça como foi e não como quiseram dizer que você era." Foi aí que o Paulo, o Dom Paulo [Evaristo Arns] foi lá na revista e disse: "Foi muito importante vocês terem publicado esse assunto, porque o Eugênio é o que ele tá dizendo."

F - Deixa eu voltar um pouco lá...

P - Sim, trabalhando na empresa de fumo.

F - Trabalhando na empresa de fumo.

S - É, aí eu vim pra trabalhar com meu tio.

F - Aí o senhor falou que não durou muito tempo lá.

S - Não, porque eu tinha o seguinte: eu continuava por trás com as minhas ligações, né? Esse rompimento não foi um rompimento assim ...

F - Absoluto.

S - Não, não, sempre tinha contatos aqui com o pessoal da esquerda, da AP aqui.

F - Mas quando o senhor voltou pra Maceió, depois que o senhor saiu da empresa de fumo, como o senhor se manteve?

S - Eu fui ser uma espécie de *office boy* do Sesi. Porque eu tava com um problema, eu tinha casado, não tinha um tostão, acho que eu só tinha uma panela e um pinico, era o que eu tinha.

F - Que era com a moça de Natal?

S - Com a moça de Natal. Ela larga tudo o que tinha pra lá e vem pra cá, eu tinha que assumir uma coisa só na vida.

S - Aí o que eu arranjei foi isso, fui ser, fui ser *office*, praticamente *office boy*.

---

<sup>12</sup> Na verdade trata-se do livro SERBIN, Kenneth P. Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

F - Como o senhor conseguiu esse emprego na época?

S - Meu pai. Meu pai fala com Napoleão Barbosa, que era presidente da Federação das Indústrias. Mas como o meu pai já deve ter falado pela minha situação, invés de pedi-lo alguma coisa boa, pediu a merda pra mim. Depois do Sesi, eu fui pra Federação das Indústrias. Aí eu fui ser secretário executivo da Federação das Indústrias.

F - Como é que o senhor conseguiu esse emprego?

S - Aí já foi por capacidade pessoal. Porque era a ligação do Sesi né? Os caras viram que eu era um bom advogado e depois eu fui ser diretor do Departamento de Cultura, depois eu fui ser Secretário de Educação.

F - Como é que o senhor dividia assim, as atividades políticas com as atividades profissionais, como é que o senhor separou essas duas coisas?

S - Eu lidava com os processos de sindicalização, era uma coisa mecânica. Eu vim a me especializar nisso porque abre um edital pra um doutorado em direito. Eu faço esse doutorado em direito aqui. Isso é outra história... Então eu passo a ser o secretário executivo da Federação das Indústrias e faço um contrato com o presidente da Federação das Indústrias, Napoleão Barbosa. Ia mudar o governo. Eu estudava, eu me especializava na questão trabalhista, dentro da faculdade de direito, e na questão trabalhista tinha a parte da sindicalização. E aí, por conta disso, eu fiquei cuidando, eu fui mantendo o cara que foi ser secretário da fazenda e aí esse mesmo cara, que eu era assistente dele, me leva pra ficar com ele. Fala com Napoleão que deveria ficar e eu fico.

F - E como o senhor vai parar na secretaria de cultura? O que credenciou o senhor?

S - Departamento. O que credenciou foi a vizinhança, eu era vizinho do governador, era vizinho do governador, e quando ele é eleito, eu me lembro bem, eu tava em casa, eles ficavam conversando sentado em cadeira na calçada. Era o Lamenha Filho. Ele era presidente da Assembleia e foi ser governador, e era vizinho. E a gente ficava a noite conversando, assim, sentado naqueles bancos por ali, e não tratava como governador nem eleitor, era vizinho mesmo. E ele me disse: "eu vou ser governador, o quê que você quer?" Eu disse: "Não quero nada". Ele disse: "Por que?" Disse: "Porque eu vou-me embora, vou pra Bélgica", a história da bolsa da Bélgica. Ele disse: "Se você quiser eu vou pra Brasília amanhã, eu levo sua documentação todinha pra embaixada da Bélgica". Eu disse: "Precisa não, muito obrigado." E eu termino não indo, a minha mulher desiste de ir pra

Bélgica, porque aí não ia os dois. E, eu não vou, e aí ele pergunta: “Você ainda quer?” Já arranhou um emprego: “Você ainda quer?” Eu digo: “Quero.” Ele disse: “Procure a Secretaria de Educação que já vai ter seu nome lá, já digo que você tá empregado.” Eu fui.

F - Mas por que o departamento de cultura?

S - Aí é que vem agora a história. O secretário de educação me oferece 3 coisas. Era Zé de Melo e amigo desse tal Chaparro, que era, que eu lhe falei que era do Rio Grande do Norte. O Chaparro fala a ele que eu estou em Maceió. Quando eu fui conversar com o Zé de Melo, eu já era um cara com uma ligação pelo Chaparro, o cara que o governador tinha dito que fosse conversar. Eu não sabia o quê que eu era, se me oferecesse pra ser dentista eu ia. Tava precisando de dinheiro pra viver, tava na merda. Tava vivendo na casa de meu pai, que eu não tinha dinheiro, casado, já com dois filhos, não tinha um tostão. Aí o Zé de Melo me oferece 3 coisas, me oferece pra ficar no gabinete dele, como assessor dele, eu não quis. Me oferece pra dirigir a cruzada ABC, essa foi que eu não quis mesmo. Eu disse: “Muito obrigado, essa daí eu não quero.” E me oferece pra ir pro Departamento de Cultura, aí, eu digo: “Olhe, a mais simpática das três! Eu vou pro Departamento de Cultura”. Por isso que eu fui, fui por um absoluto acaso. Quando eu chego no Departamento de Cultura, pego um pessoal que tinha liderança estudantil aqui e vai comigo pra lá. Vai comigo o cara que tinha sido presidente do DCE e que eu mesmo tinha escrito a defesa dele pra o problema que teve com o exército. É um primo meu, Radjalma Cavalcante. Vai Marcelo Teixeira, esse que hoje é Procurador Geral do Estado, Marcelo Teixeira, que era estudante lascado, perseguido também. Vai outro cara que era do DCE também, e fica esse, e em maio eu começo a ter uma atividade de teatro. Mas é teatro porque eu sempre gostei de teatro, eu escrevo teatro.

P - Então é sobre os auspícios do departamento do governo que os xangores vão dançar no Teatro Deodoro? Nesse período?

S - Não, aí é uma outra história. Vou chegar aí agora.

P - Mas é nesse período?

S - É, não é sobre os auspícios, mas é com a mão encima, porque a polícia perseguia, vou contar a história agora.

M - Quer dizer, isso aí já é a segunda metade dos anos 60 né?

S - Data assim eu não sei, mas deve ser.

F - Mas, só uma dúvida antes, qual era a ligação que o senhor tinha com o mundo da literatura durante todo esse período?

S - Nenhuma, nenhuma. Eu tinha com os estudantes. O Gildo dizia: "Olhe, se você não fosse você, a gente não tinha assumido essa posição". Porque eu fui muito duro. Por quê que eu fui? Muitas vezes eu me criticava, sabe? O Gildo diz que é uma das coisas mais certas que se fez. Aí a gente assumiu o controle da máquina, ninguém nem sabia quem eu era. Quem sabia quem era eu era os "maloqueiros". Então, aí já foi um passo avançado pra quebra da construção do intelectual né? Quem ia mexer com essa história agora. É uma quebra danada porque é um maloqueiro que está encima da estrutura cultural né? Ninguém nem sabia quem eu era.

F - Mas quando o senhor fala assim que era um maloqueiro, quem via o senhor como maloqueiro?

S - Quando eu falo maloqueiro é o seguinte, é que eu nunca vivi na cúpula.

F - Mas quem era a cúpula naquele momento?

S - A cúpula nesse momento era o Instituto Histórico e a Academia de Letras. O nome tinha que sair dali né? Daquela panela. Jaime de Altavila Pai, era Carlos Moliterno, era Théo Brandão, era José Maria de Melo, era Zé Pimentel e um bocado que eu não sei nem o nome hoje.

F - Mas qual era a ligação que o senhor tinha com essas pessoas?

S - Nenhuma.

F - E com Théo Brandão?

S - Isso é outra história. É aí que nós vamos ser dois grandes amigos, o Théo e eu né?

F - Então quando o senhor assume o departamento de cultura, na verdade, é uma pessoa.

Aí vão armar contra mim.

F - Qual era o projeto que o senhor tinha, eu falo no âmbito cultural, porque pelo que o senhor tá falando, qualquer ideia de plano cultural surge nesse momento pro senhor?

S - Mas veja bem, mas veja bem. Não deixe de considerar que a minha atividade no Rio Grande do Norte era uma atividade que mexia com a tal da cultura popular, que era, vamos dizer, o chavão da época. E eu entrei por essa ideia de cultura popular.

F - Mas mesmo na relação de vizinhança existia essa ideia dentro do governo?

S - Não. Mera relação de vizinhança. O secretário de educação foi que me disse o seguinte, disse: "Olhe, vamos fazer umas coisa diferente?"

Zé de Melo era um cara que fazia as festa da mocidade de Recife, né? Que trazia Walter Pinto, o Pixixi do Pixóxó, tem Bububu do Bobobó<sup>13</sup>. Eram as grandes revistas de vedete.

F - Que tem ancestralidade lá no teatro de revista.

S - É. Ele veio disso. Ele fez a campanha dele pra presidente da casa dizendo que era preciso proteína pro estudante. Era, ele diz que não é não, mas é verdade. Aí ele fez a campanha dele na proteína do estudante, e ao invés de proteína, ele só dava milho, era angu, era cuscuz, e a casa enfrentou um problema sério que não tinha mais papel higiênico, não tinha mais nada, né? Aí os cara inventaram uma quadrinha "Presidente Zé de Melo, chega de tanto angu, vê se arranja papel pra gente limpar o cú".

Agora quando chegou o cara disse assim: "Vamos fazer uma coisa nova". Eu digo: "Vamos, o quê que você quer?" Aí ele diz: "Vamos fazer" Aí começaram as grandes exposições aqui.

F - Mas porquê que é o teatro que toma uma primeira forma?

S - Era porque eu escrevia teatro pra emissora de rádio, eu escrevia rádio teatro.

F - Que tinha haver com a evangelização?

S - Era com a conscientização política. A primeira coisa que eu escrevo na vida são dois folhetos de feira. Eu descobri na internet, tá no site da esquerda católica, tem ele lá, era "voto não se vende, consciência não se compra", e o outro era "a fachada do gigante ou as duas do Brasil". Esse eu escrevi com um amigo meu que era violeiro chamado Chico Traíra. [Risos] E eu escrevia também teatro, rádio-teatro, pro povão, é o que faz o meu teatro de hoje. Meu teatro tem uns 30 prêmios nacionais de teatro.

F - Durante essa época que o senhor estava na rádio, quantas peças o senhor escreveu?

S - Ave Maria, e eu sei, toda semana tinha uma.

F - De onde vinha a referência e inspiração pra estrutura das peças?

S - Das pesquisas dos folcloristas, era Câmara Cascudo, era Veríssimo de Melo e a ligação da gente com os trabalhadores rurais.

F - Já tinha essa ideia do teatro de Brecht ou era outra coisa?

S - Não, era intuitivo, eu nunca ouvi falar de Brecht, só ouvi falar depois, aí um cara escreveu. Escreveu a dissertação de mestrado dele sobre

---

<sup>13</sup> Referindo-se a um dos mais conhecidos diretores do teatro de revista que atuava no Rio de Janeiro e de lá, apresentando-se em todo o Brasil.

uma peça minha, escreveu uma peça, uma dissertação de mestrado sobre uma peça minha, vai publicar agora o livro, e que ele me mostra, e ele me convence que eu sou autor de teatro, eu não sabia que era. Aí eu escrevo um texto de teatro naquela época, quem me influenciou teatro foram 3 ou 4 pessoas. Primeiro o Circo Nerino. Foi que me influenciou. Vou lhe dizer porquê. O Circo Nerino passou em Penedo 6 meses parado, não sei o que houve. E eu fiz amizade.

F - Com quantos anos o senhor encontrou o Circo Nerino?

S - Ah, eu devia ter uns 8 anos de idade. Com o Circo Nerino eu vi as grandes peças como o "O judeu errante", as peças todinhas que fazem o substrato do teatro circense. Todo o meu teatro hoje, se você for assistir alguma peça, você vai ver o circo lá dentro. O outro foi um cara, Seo Lélé do Picolé. Seo Lélé tinha um pavilhão de vender picolé na feira em Palmares, e ele fazia teatro e montava as peças lá e eu ia ver. E a outra influência de teatro meu, sim, são 4, foi o Luís Marinho.

F - Mas como era tipo de teatro de Lélé Picolé?

S - Era o circo dentro do cinema, o teatro do circo dentro do cinema, só isso, a diferença era essa. O teatro dele tinha a mesma marca circense.

P - Só que não era espaço fechado.

S - A única diferença é que ao invés de ser apresentado no circo, ele era apresentado no palco do cinema. Ele alugava o cinema só pra esse dia. Outro cara que me influenciou demais foi Luís Marinho. Luís Marinho talvez seja pra mim, muito superior a Ariano Suassuna. Isso eu não tenho dúvida. O Luís Marinho tem uma peça chamada "A Incelença", e eu vi essa peça do Luís Marinho e aí fiquei doido pra escrever teatro. Ele é de Pernambuco, morreu, era amicíssimo meu.

F - Quando foi que o senhor viu pela primeira vez uma peça de Luís Marinho?

S - 1962, por aí assim.

F - O senhor tinha mais ou menos quantos?

S - Ah, eu já tinha meus 17, 18 anos eu acho. Ele era primo dessa minha primeira mulher, e aí, e eu fiz, escrevi uma peça que o pessoal do DCE se juntou pra montar, mas era tão ruim que ninguém nunca montou. Aí eu vi que não dava pra teatro, desisti. Eu só vou mexer em teatro depois de muitos anos depois é que eu faço a primeira peça. Depois eu faço a segunda, aí desembestei a fazer, fiz umas 5 ou 6 ou 7.

F - Mas o senhor não tá contando aí os teatros radiofônicos.

S - Ah não, aí toda semana era uma. [Luís Marinho] me deu uma linguagem, me deu a língua, me deu a forma do diálogo. Eu tenho uma peça chamada "A igreja Verde" e essa peça e outras foram censuradas pela polícia. CPC da UNE. Junta isso tudinho, dá o que eu escrevo ainda hoje. A Farinhada por exemplo, foi vista por mais de 100 mil pessoas. A Farinhada tem uns 20 e tantos prêmios e umas 40 indicações de festival. A Igreja Verde também é premiada. Aí você pergunta assim, porquê? Quem matou essa história foi Paulo Poeta. A forma que eu assumo é a forma do povo. Eu não mexo na estética, eu não mexo na estética teatral que eu aprendi por esse percurso no qual eu fiquei no meio do povo, adquiri o senso político do CPC da UNE né? A ideia de carpintaria, do Luís Marinho, e do ver em cena, do seu Lélé do Picolé e do Circo Nerino.

F - Como era a participação do cinema na vida do senhor? O senhor frequentou o cinema com qual a frequência?

S - O cinema que fica na minha cabeça é o cinema de Penedo, é o único cinema que fica na minha cabeça, não tem outro cinema.

F - O que é que passava?

S - Eu escrevi um texto, porque o Spielberg não podia morar em Penedo. O título é esse: "Porque que o Spielberg não pode morar em Penedo?". Eu pego justamente as temáticas dos filmes e do imaginário que aquilo fazia em Penedo na época. Você quer nome de artista assim que fizeram minha cabeça? Ester Williams fez minha cabeça, Rita Hayworth fez a minha cabeça, mas peraí, mas a que fez a minha cabeça mesmo, que eu acho que foi a primeira noção de beleza feminina que eu tive na minha vida foi a mulher que era a Deusa de Joba, um seriado de cinema chamado A Deusa de Joba. Essa mulher foi meu grande encantamento no cinema, eu achava assim a rainha da beleza né?

P - Sim, mas estamos no Departamento de Cultura, da cultura popular no teatro.

S - Quando eu chego no departamento de cultura começa a programação de teatro, aí tinha um cara aqui que escreve uma peça chamada "Bossa Nordeste". Eu fico circulando essa peça por Alagoas com ela, mas a polícia perseguia. Aí vai chegar onde você quer, que eu sei que você tá puxando tanto essa história. A polícia perseguia os grupos de reisado. Onde houvesse ensaio, a polícia batia encima porque segundo ela, nesses ensaios havia muita cachaça, etc e tal. E os grupos me procuraram, [e também procuravam o] Théo Brandão.

P – Era mais algo moralizante do que necessariamente político. A expressão da polícia mais restrito a moral.

S – Mas isso não deixava de ter as implicações políticas né? Pra evitar problema, os grupos passavam no departamento pra não serem perseguidos pela polícia. Eu dizia que eles eram um grupo de folguedo. Não sei como se chama mais hoje, se o folguedo ainda tem essa evidência toda, e que ensaiava normalmente, que não era um puteiro. A polícia parou um pouco a perseguição desses grupos. Aí com um dia, existia um cara aqui, pai de santo ijexá, chamado Celestino, que era muito amigo meu, o Celestino trabalhava na secretaria de educação, eu não sei o que é que ele era lá, e começou a fazer amizade comigo, e um dia ele me leva pra conhecer o xangô. Eu comecei a fazer amizade porque eu gostava do Celestino, não tinha nada a ver com o terreiro eu gostava do Celestino.

P – Por ele trabalhar na secretaria de educação?

S – Ele trabalhava na secretaria, não tinha o que fazer, eu acho, ou arranjava não ter o que fazer, e ia pra conversar comigo e ficava lá de papo. E com ele eu comecei a andar, e fiz amizade com o pessoal da federação dos cultos afro-brasileiros. E uma vez eles foram me procurar, vou dizer quem foi me procurar, Belarmino. A gente até brincava, dizendo que ele era o Coronel da Macumba. O Luís Marinho, era uma pessoa que eu tive uma ligação muito grande com ele. Então eram o Luís Marinho, o Belarmino e o Celestino. Eles me contaram que estavam tendo muita dificuldade com a polícia, aquele negócio me surpreendeu. Porque o coronel era da polícia e ligado ao cara que era o comandante da polícia, como era o nome dele?

P – Adalton.

S – E era ligado ao Adalton, e o Adalton em campanha pra ser deputado, querendo se preparar pra ser deputado, até que o Luís Marinho e o Celestino quiseram se afastar do coronel porque achavam que o coronel estava querendo fazer a campanha do Adalton, até tiraram uma fotografia do Adalton, com roupa de Ogum, uma coisa assim, um troço assim. Era justamente pra poder fazer a campanha dele no meio, ai já fala comigo né? Que tava havendo um problema sério com a polícia. Eu perguntei ao Belarmino o que é que tava havendo, porque que ele que era coronel da polícia ia falar isso comigo né?

F – Tinha algum outro, porque nessa época que o senhor ta falando o senhor já era conhecido como um intelectual.

S – Nunca fui intelectual não caba, eu sempre fui conhecido, eu sempre fui tido como um cara, quem diz isso bem é o Eduardo Bonfim. Como é um cara assim que não liga pra nada? Como é que se chama um cara que não liga pra nada? Não é um *bon vivant* não, tinha um termo lá que ele me caracteriza muito bem, eu nunca fui tido como um intelectual, eu nunca produzi nada, assim no sentido de livro.

P – Até esse período.

S – Até esse período nunca fiz nada disso, nunca escrevi, eu não me achava capaz de fazer isso, eu vou ser historiador por outra causa, eu vou ser historiador porque o Diretor do Arquivo Público me escondeu lá, ai eu comecei a mexer nos documentos.

F – Mas o senhor estava muito mais próximo desses grupos negros do que talvez outros intelectuais da cidade, da safra folclorista.

S – Ó, mas veja bem, não produzindo intelectualmente sobre eles.

F – Mas com a cabeça que o senhor tinha, vamos dizer assim, de um evangelizador político, era um novo agente cultural nascendo.

S – Sem dúvida.

F – Que não existia.

S – Quem me salvou deles foi um cara chamado, aquele médico, Deraldo Campos. Eu me lembro dele, esse cara me chamou, ele era do Instituto Histórico. Disse: “Rapaz, você é um cara novo, que esse pessoal não conhece, e eu vou lhe levar pra esse pessoal lhe conhecer, pra ver se lhe deixam em paz”. Ai foi, e ele foi quem me levou pra casa do Théo Brandão. Me apresentou como o novo diretor do Departamento de Cultura, ele sabia o que tava acontecendo. Foi ele quem me levou na casa do Théo, primeira vez que eu conversei com Théo Brandão, já diretor do departamento de cultura, eu nunca conversei com Théo Brandão antes.

F – Entendi. Então, então, então podemos dizer então que o Departamento de Cultura te abre às portas dentro da esfera cultural e legítima aqui dentro.

S – Não porque ela [a elite cultural do Instituto Histórico e da Academia de Letras] era contra mim. [O departamento de cultura é que] me põe em contato [com eles]. Por exemplo, eles me nomearam como sócio do Instituto Histórico. Eu passei 5 anos pra tomar posse. Eu só tomei posse porque meu pai chegou pra mim e disse: “Você é um mal educado”, meu pai me disse: “por uma questão de educação você vá lá e resolva, diz que não quer ou que quer”.

F – Mas essa ligação, por exemplo, com os grupos de candomblé se dá antes do Departamento de Cultura?

S – Não. Institucionalizada assim não. É no Departamento de Cultura.

P – Através do Celestino.

S – É, através do Celestino.

F – Eu queria entender um pouco essa dimensão do ecumenismo, porque isso abre um caminho, porque o senhor se torna, com o ideal do popular, é também um embaixador do diálogo com os marginalizados.

S – Eu entendi o que você quer dizer.

F – Como é que os grupos negros, índios, que o senhor se interessou a uma determinada altura era visto nesse momento que o senhor tava no Departamento de Cultura?

S – Índio vai ter contato comigo muitos anos depois. Mas era com os negros. Rapaz, eu acredito no seguinte: pela primeira vez, eles sentiram ter um aliado. Porque eu não me diferenciava, eu nunca fui uma pessoa assim que me apresentasse como autoridade, era um cara comum, só que estava ali. E talvez pela minha forma de agir, de conviver, eu nunca vi essa distância deles a mim não, eu acho que houve uma integração muito grande, muito forte. Se bem que bateu muito na política interna deles, isso é uma outra história. O que é que acontece? Eu disse a eles: “olhe, eu não sei se vocês tem coragem”, eu disse a eles. Não foi assim, nessas palavras, mas foi mais ou menos assim: “mas eu só vejo uma saída, é dar uma afrontada tão grande nessa sociedade que ela não tenha mais o que fazer.” Ele disse: “E o que é que o senhor quer que a gente faça?”. Eu digo: “vocês topam transformar o Teatro Deodoro não terreiro de macumba durante uma semana?” Eu não disse assim né? É que eu não me lembro das palavras, porque aí a tática era você afrontar agora toda a estrutura cultural de Alagoas né? Existia coisa que naquela época era mais consagrada do que um templo cultural da burguesia de Maceió como o Teatro Deodoro? Então bota a negada pra invadir logo essa porra.

Nessa época, vinha um cara, dizia que tinha um artista do Rio, chegava aqui comia uma goiabada e todo mundo batia palma, era tudo quanto era vestido, a mulher tirava as traça que tinha no guarda roupa, e ia pra lá né? Eu só queria que você imaginasse o que é um maluco com uns vinte terreiros de xangô dentro do teatro? Outro dia eu estava me perguntando que peste eu fiz, sabe? Porque o negócio é o seguinte: fui pra

o Bráulio Leite, vamos fazer junto, vou fazer justiça dobrado, que era o diretor do teatro. “Braúlio, olhe, você topa transformar isso aqui em um terreiro de xangô?”. Aí ele: “topo”. Topou, aí é um esquema de segurança, porque não podia ter nada. Tinha uns pai de santo, porque se desse a irradiação, como eles chamavam, se o cabra caísse lá de cima tava lascado, em cada lugar tinha um pai de santo pra acabar com essa folia toda. E a música, a estrutura da segurança, da segurança do sagrado né? E a música pra estrutura da segurança do dia a dia né? E a Praça Deodoro era central. Então, quando dava, assim, seis horas da noite, aquilo lá enchia de gente. Eu acho que por ali andaram umas 20 mil pessoas nessa semana, e quando dava, a entrada do teatro, aquilo tudo virou, não tem, não tem uma cafeteria? Ali tinha uns dois negões na porta tocando atabaque. Dava seis horas da noite e o incenso “comia no cento.” Imagine a doidice de fazer um negócio desse, um cara que faz um negócio desse não pode ter juízo, pode?

P – Professor, agora toda essa ideia, toda essa movimentação sem nenhuma relação com coisas parecidas que estavam acontecendo no Rio de Janeiro nessa época?

S – Eu não sei nem o que tava acontecendo. Até hoje não sei, diga aí o que é.

F – Mas que ano é mais ou menos?

P – Década de 60.

P – Se eu não me engano 68 e 69.

S – Eu não sei nada do que tava acontecendo, nada.

F – Porque na Bahia tem um episódio importante que Emília Biancardi, que é uma folclorista. Ela faz uma espécie de síntese de determinados gestos da cultura afro e leva pra o Teatro Castro Alves e monta um espetáculo chamado Viva Bahia.

P – Seu Júlio Alexandre era o Presidente da Federação na época, e eu sei que ele tinha uma porção de fotos neste período.

S – Então fui eu que dei essas fotos a ele rapaz, porque tá no meio a minha, o meu material, tá no meio desse.

P – Então haviam fotos desse tipo né? Desses **babalorixás**?

S – Eu vou dizer como é que era. Foi feita essa exposição, enchia, o teatro. Era lotado. Enchia aquilo ali. Não houve nenhuma interferência minha na organização dos rituais, eu nem sei o que aconteceu. Agora vinham os terreiros do interior, e vinham os terreiros de Maceió. Do interior não sei quem veio, mas quem cuidou da parte da logística [foi] o

cara que é o Procurador Geral do Estado hoje, é o Marcelo Teixeira. Marcelo trabalhava comigo, era meu assistente. A exposição foi montada pelo Braúlio, que a exposição era pra dar um sentido monumental à coisa né? E a vida lá dentro dos cultos foi montada por essa comissão dos Marinheiros. Quem é Júlio Alexandre hein?

P – Ele é vivo, ele era funcionário eu não sei se é da assembleia ou do palácio.

S – Não, o Júlio? Não tem nada disso não. Eu sei quem é o Júlio, ele era funcionário do palácio aqui, ele era até da umbanda. Eu fui lá no Júlio, mas o Júlio não organizou nada assim, nunca chegou nem perto da organização disso. Eu fui algumas vezes no terreiro do Júlio, mas eu não me lembro do Júlio presidente da federação dessa época não. Eu me lembro que eu vim conhecer o Júlio depois, porque houve também uma certa discussão internamente, lá dentro. Alguns diziam e com razão, a pergunta era séria, eu não sei a motivação da pergunta, mas eles diziam assim: “Quem já viu o xangô dançar em palco de teatro, xangô artístico?”.

Então, agora vou lhe dizer como isso foi organizado né? Foi organizado assim: o Braúlio foi uma das pessoas mais importantes do teatro em Alagoas. O Braúlio monta a exposição, a ideia da exposição era ser uma coisa monumental. A ideia era estratégica. Você ir pra um lugar que arrebeantasse como um vento na cultura tradicional né? Você precisa arrebeantar aquilo. Foi uma doidice. Uma doidice. Que se você me dissesse hoje, vamos? Eu diria: “vamos hoje, eu ia também.” Só que eu não tenho mais a coragem física né? Havia a logística que era coordenada pelo Marcelo Teixeira. Rapaz, você veja o que é a burguesia de Alagoas, agora vamos brigar.

P – Não, é porque, pedindo licença, mas houve uma escolha por parte deles, dos dias, de quem se apresentaria em cada dia, de quem abriria, de quem fecharia, dos mais velhos, dos mais novos, as coisas típicas do candomblé.

S – É, eu não me meti nisso não. Agora eu quero lhe dizer o seguinte: que talvez esse tenha sido um dos passos mais corajosos, um dos passos mais corajosos que se deu na vida cultural de Alagoas. O Théo, o Théo velho disse: “você tem uma coragem da porra.” Eu disse, e porque você não pesquisa? Ai vem à questão do Iberismo que você falava. A cabeça dos caras é uma cabeça Ibérica. Quem me incentivou a pesquisar foi o Théo. Eu digo: “porque é que você não faz e manda eu fazer?” Ele disse:

“porque quando eu fui fazer o Semeador<sup>14</sup> largou o pau em mim” Eu digo: “o Semeador falando mal de você, você não faz não é?” Ai ele calou-se, ficou na brincadeira. Se você não fez é porque não quis fazer, porque não interessava o universo dele. Porque senão ele teria feito, não interessava para ele, o universo de preocupação dele era com o oposto a isso. Houve aqui um encontro nacional de folclore e me colocaram pra falar sobre o ciclo do Boi. Ai eu fui conversar com o Théo, na casa do Théo, eu disse ao Théo: “Ó Théo, eu não entendo nada de Boi, nunca menstruei na minha vida, brincando com ele né?” E nunca menstruei na minha vida, que peste eu vou falar de ciclo do Boi. Ai ele começou a rir, e disse: “e o que é que você quer falar?” Acredite, eu disse a ele: “eu vou falar sobre a doença infantil dos folcloristas.” Ele olhou pra mim assim, isso tá escrito, isso eu já escrevi essa parte.<sup>15</sup> Ai o Théo chega pra mim: “e o que é que são essas doenças?” Lá umas 10. A mania, a classificomania, porque eles tem mania de classificar tudo. A atitude de classe. Existe a categoria da classificação deles, mas o povo não. Ai você vai ter um espanto. Ele disse: “fale que eu apoio”. Ai eu fui e larguei o cacete. Quando terminei de largar, agora eu vou botar o Théo no fogo. Aí eu disse: “Ó, eu estou dizendo isso aqui porque eu já disse ao Théo na casa dele, e ele disse que eu viesse aqui falar.” Aí o Théo começou a rir. O Zé Aluísio Vilela levantou-se com a peste: “eu discordo de tudo isso que você tá dizendo”. Me esculhambou pra lá, mas doeu né? Isso doeu, doeu à macumba. Eu acho que eu dei algumas dores né? Algumas dores. Mas voltando pra vaca fria.

P – É, a gente quer saber também, quer dizer, depois do departamento de cultura, como é que o senhor entra na academia?

S – Eu não entrei na academia.

P – Sim, a sua entrada na UFAL.

S – Na UFAL.

P – Na universidade, a sua ida pra os Estados Unidos...

S – Eu fui, eu não sei se eu fui antes pra os Estados Unidos. Eu fui depois né? Eu fui depois que eu entrei. Eu estava precisando viver. Eu já tava de saco cheio dessa coisa de ser funcionário público. Honestamente, eu tinha vindo aqui pra fazer a minha vida financeira pra poder casar, tinha

---

<sup>14</sup> Periódico católico alagoano, fundado em 1913.

<sup>15</sup> Disponível no blog pessoal de Sávio Almeida em: < <http://Luíssaviodealmeida.blogspot.com.br/2014/06/Luís-savio-de-almeida-meu-velho-diario-7.html> >

casado e quem me sustentava era minha mulher, não tinha dinheiro pra porra nenhuma. Ela que tinha um laboratório, que era rica né? E eu pobre, aí eu digo, sabe de uma coisa? Ela era bioquímica. Abre um concurso pra universidade e faço, eu faço e perco o concurso. Eu levei pau no concurso que fiz, aí vem a Macumba.

P – Aí o senhor tenta em que colocação, assim, pra professor de que?

S – Era Sociologia, eu fiz o concurso pra Sociologia, agora vou lhe contar o meu concurso. Mas aí eu faço o concurso, eu concorro com 3 padres, e a banca tinha 2 padres. E aí o Théo me procura. Ele era o diretor do departamento. Foi o Théo que me incentivou.

F – Tipo o CHLA?

S – CHLA, o Théo me incentivou a fazer o concurso, aí o Théo chega pra mim e diz: “Olha, eu não posso falar a você não, porque eu sou o diretor do concurso, mas eu não tenho, eu não posso pela amizade pessoal que a gente tem, eu não posso deixar de lhe dizer que a sua situação é muito ruim, infelizmente. Você vai perder o concurso, você passa, mas eles não vão deixar você assumir”. Théo, então me diga pelo menos qual é o argumento. Disse, primeiro argumento é que você não precisa. Eu disse: “mas Théo, isso é argumento acadêmico, de um concurso?” Ele disse, o segundo argumento é que você fez a prova escrita igual a aula que você deu. Eu disse, se caiu praticamente o mesmo ponto? O que é que eu ia fazer? Aí eu vi que tava liquidada a questão né? Eu não digo que os outros foram piores do que eu não. Isso eu não diria jamais. Eu não tenho como medir. Aí veja o que é que eu devo ao Théo Brandão, porque eu sou um cara meio canino, meio cachorro sabe? Eu acho pra mim que uma das grandes virtudes do cara é a fidelidade, e o que eu devo ao Théo. Ele disse: “mas não tem jeito não bicho, você já perdeu o concurso”. Aí eu digo: “o que é que eu vou fazer? Isso na minha casa, o que é que eu vou fazer?” Você pode discutir o Théo, tranquilamente, enquanto intelectual, mas a generosidade pessoal dele, a figura dele humana, acho difícil que alguém discuta. Aí o Théo disse pra mim: “sabe o que é que eu vou fazer? Eu vou na casa do reitor agora” “Quiser ir vá né?”, eu disse, mas você vai dizer a ele o que? Aí ele: “eu vou dizer o que eu acho que aconteceu”. Aí foi pra casa do reitor.

F – Quem era o reitor nessa época?

S – Era Nabuco Lopes. Ele foi falar com o Nabuco, que disse: “Diga ao Sávio que ele fique tranquilo, que ele entra na universidade hoje. Eu arranjei uma vaga em Brasília, e a vaga vai ser pra ele”. Por isso que eu estou na universidade, porque se não fosse essa boa vontade do Nabuco, e se não fosse essa [...] Eu não estou dizendo que eu fui pior ou melhor do que os outros não, só estou dizendo que isso aconteceu.

F – O senhor falou da aproximação com o Théo, como se aprofundou a relação com o Théo?

S – Porque eu gostei ele, ele gostou de mim, ele me tinha como um amigo de casa. Começou quando o tal desse médico que eu falei, o Deraldo Campos. A coisa do Deraldo é a seguinte. Ele disse: “precisamos de coisa nova aqui dentro, a velharia já não pode mais tá manobrando isso, precisa de coisa nova aqui dentro, vou lhe ajudar a quebrar isso”. Dizia: “a primeira coisa que eu vou fazer é lhe levar na casa do Théo Brandão”. Eu nunca tinha nem falado com Théo Brandão. Quando chegou lá o Théo me recebe, me diz: “O que é que eu posso fazer por você?” eu me lembro exatamente disso, eu disse: “Me ensinar, porque eu não sei de nada. Eu não sei tudo o que vocês gostam. Eu não sei, eu não sei quem é o príncipe da poesia de Alagoas, eu não sei quem é o imperador da fama, eu não sei nada. Então o senhor me ensine isso que é pra eu poder viver com vocês”. Aí ele começou a rir.

F – O senhor falou assim mesmo?

S – Sim.

F – Pra viver com vocês.

S – É, ele começou a rir, aí disse: “Élida, traga uma jarra d’água de coco”. Aí pronto, depois desse dia, raro o dia que nós não conversávamos ou telefonávamos um pro outro. Ele dizia: “O que é que você quer?”. Eu digo: “Rapaz, eu quero entrar nessa coisa que você faz aí”. Disse: “O que é que é?” Eu: “Essa história de folclore rapaz, quero saber o que é isso aí porque aí eu estou no meio de todo mundo né? Essa história de folclore que você faz”. Não disse assim, falei educado né?

F – Mas era pra tá no meio das pessoas?

S – Pra não perder uma posição. E aí o Théo me pegou e me botou dentro. Todo esse pessoal que era contra não pode mais fazer qualquer coisa contra mim, porque o Théo dava de testa.

P – E o Théo Brandão tinha uma postura de liderança de certo modo em relação [...].

S – De respeito, não se gostava muito dele, porque ele era uma pessoa muito calada, muito trancada. Mas era muito respeitado o Théo.

F – Mas o senhor se tornou historiador com o Théo?

S – É outra história, não.

S – Foi o arquivo público.

P – Aí perai, o senhor entra na universidade pra lecionar Sociologia?

S – Aí eu entro pra universidade.

P – E a sua ida pros Estados Unidos?

S – Quem administrava a bolsa era o **Usaid**; então foi muito brasileiro pra fora, pra os Estados Unidos, eu fui nessa. Não foi Théo, nem ninguém disso não. Eu estava em dúvida se ia pra Los Angeles ou ia pra Michigan. Passei na entrevista, fui. Depois eu quis sair de novo do Brasil.

P - E assim, em termos intelectuais assim, em termo de abertura da cabeça ou de fechamento, o quê que essa viagem fez ou não fez nada?

S - Só uma vantagem né? Só uma grande vantagem, você ser exposto a uma outra cultura e isto é um desafio imenso. Então, essa foi uma grande vantagem. A outra grande vantagem foi que eu vi que lá eu não aprenderia. Eu teria de voltar pra cá e aprender aqui, a distância do que eles ensinavam na universidade e o universo da minha preocupação, não tinha possibilidade. Eu só lucrei em algumas poucas coisas. Eu estudei bem as sociedades camponesas, que me interessava estudar justamente pela minha atividade, e nela, a educação. Tanto que o meu mestrado vai ser em educação. Então isso daí foi uma vantagem, uma vantagem imensa que eu tive. E a outra coisa que eu acho assim, que eu acho que valeu a pena, é o fato de que eu me distanciei. Eu até disse ao Moacir Santana: “Moacir, eu estou indo pra poder voltar”. Eu reclamando do Moacir porque eu deixei um bilhete pra ele lá na minha casa, antes de viajar dizendo isso: “eu estou indo pra voltar, porque se eu não for, eu não fico”. Era muita incerteza de ir, olhe só muita paixão faz o cara permanecer em Alagoas, vivendo naquela época. Hoje você ainda tem mais coisas né? Mas naquela época era uma solidão incalculável. Os meus amigos foram embora, Denis foi embora, o Gildo foi embora. Ele dizia que eu via o mundo a partir de Capela, aí o Denis Bernardes dizia: “E tem problema de se ver o mundo a partir da Capela?” Também dizia que eu era o criador da República Popular e Livre de Alagoas como quem diz: “Ele transforma Alagoas em um feudo pra lá, toma conta dele e deixa o mundo pra lá.”

P - E aí, como é que vai se dá a coisa do arquivo e do historiador Sávio de Almeida?

S - Bom, Collor ganha a eleição, eu era funcionário da Secretaria de Planejamento e ele não simpatiza muito comigo. Não simpatizou muito comigo e eu terminei sem ter o que fazer na Secretaria, era inútil lá dentro. Naquele tempo eu acho que o estado pagava talvez melhor do que a Universidade, então eu tinha um pouquinho de tempo na Universidade e mais tempo no Estado. Eu fiquei sem fazer nada, absolutamente sem fazer nada. Depois eles acharam que era pouco o que estavam fazendo, me mandavam assinar o ponto. Digamos, eu trabalha aqui, chegava às 7h da manhã, ia até a catedral, assinava o ponto e voltava pra cá. E, ficava nisso.

Um dia eu fui e digo: “eu não volto e não volto, vou andar por aqui, depois quando for meio dia, nem vão saber que eu não estou lá”. Aí entro no Arquivo, o Moacir tava lá, entrei: “O que é que você tá fazendo por aqui rapaz?” Eu: “Não, estou passeando, vim ver o Arquivo, nunca tinha vindo aqui pra ver isso direito.” Ele disse: “Mas você, quê que tem feito?” Eu digo: “Nada, estou fazendo isso”. Veja como eu devo ao Moacir Santana. Os caras podem falar do Moacir o que quiserem, mas comigo não, comigo ele foi um homem muito decente. Aí eu explico a ele o que tava acontecendo, que eu chegava lá, mandavam eu assinar o ponto. Ele disse: “Mas você é idiota rapaz? Você vai, você fica por aqui que eles nem vão dar conta de você. Eu vou armar lá encima um lugarzinho que você fique escondido, e você faz suas coisas e fica fazendo lá encima. Você assina o ponto, vai só uma vez na vida bota a cara lá pra lhe verem.” E dito e feito. Chegou lá encima, mandou pegar um birô e botou lá encima pra mim, eu subi. Eu nunca tive nada planejado na vida não, acontece quando tem que acontecer sabe? Eu não sou cara de estar: “ô, vou fazer isso, meu projeto é esse” Não. Aconteceu, aconteceu. Aí, eu me sentei lá no meio com uma caixa cheia de documentos. Comecei e peguei um documento pra ler, aí comecei a me interessar. E fui pegando documento, pegando documento, fui lendo, fui lendo, uma cabeça que eu não tinha, e foi aí que eu comecei a ser historiador, não foi porque eu tinha um projeto de vida, foi por causa disso.

F - Com quantos anos isso mais ou menos?

S - Ah, não tenho ideia, tenho ideia não.

P - Década de 80 né? O Collor governador, e deixa o governo pra ser candidato a Presidente, então é o finalzinho da metade dos anos 80.

S - Eu não tenho, eu não tenho ideia disso não.

P - Quando é que o senhor elege a mata norte e a revolta dos cabanos?

S - Eu passei muito tempo pensando o que fazer no doutorado, né? Eu tinha alguns temas né? Eu queria estudar 1930. Eu queria estudar as mulheres comuns cujo maridos foram presos políticos, do que que elas viveram, o drama familiar e a posição da mulher no meio disso. E comecei a entrevistar. Eu fiz cada entrevista fantástica, eu fiz entrevista da mulher do cara que era companheiro de cela do Graciliano Ramos. Depois eu entrevistei a mulher do cara que liderou 1935 aqui em Alagoas né? E comecei a achar aquilo uma coisa fantástica. Pensei: "vou fazer o doutorado sobre isso". E a outra coisa que eu procurava era um troço chamado Socorro Vermelho, difícilimo de você pesquisar, não existe trabalho escrito sobre isso. Socorro vermelho é uma organização feita por não comunistas pra tomar conta dos comunistas que tão presos, pra ajudar os comunistas que não são presos. O cabra não é comunista, não é porra nenhuma, mas aquele cara, o Socorro Vermelho pega ele e bota pra trabalhar né? E consegui descobrir uma porrada de coisas do Socorro Vermelho aqui, tive uma ajuda grande da maçonaria. A maçonaria me ajudou, consegui descobrir muita coisa do Socorro Vermelho, mas o Socorro Vermelho é como a maçonaria, também né? As comunicações são todas não ouvidas né? E algumas pessoas começaram a me pedir pra não revelar que elas faziam parte do Socorro Vermelho né? Aí eu desisti do Socorro Vermelho. Eu digo: "vou pegar a questão da mulher de 30".

P - Professor, mas essa organização funciona no período de 30 ou de 60, o Socorro Vermelho?

S - O Socorro Vermelho que eu conheço, anos 30. Mas o Socorro Vermelho sempre funcionou. E era fantástica a forma como o socorro vermelho ajudava, porque ele, ninguém sabe que ta sendo ajudado por ele, ninguém sabe que ta sendo ajudado por ele, você não sabe quem é do Socorro Vermelho. Aí daqui a pouco você tá tratando do dente e o dentista não lhe cobra né? Ou lhe cobra 1/5 pra não dizer que foi de graça, pela sua família. Então eu descobri uma malha disso muito grande, do Socorro Vermelho. Mas eu vi que não podia, não podia publicar. Como eu vi também que a questão da mulher seria difícil pra eu publicar também, porque implicava na visão dos filhos. A família todinha ia se montar pra opinar, e eu tive umas opiniões contrárias de pessoas de família também.

Como quem não quisesse dar o prosseguimento a situação que viveram. Eu estou sentado no Arquivo Público, Moacir Santana diz: “Rapaz, por que não escreve sobre os Cabanos? Pronto, foi isso. Aí eu disse : “Oxente! Eu não sabia nem o que era, que porra é esse negócio de Cabano?” Aí ele começou a me explicar. Olhe, as coisas acontecem sem eu pedir. O pessoal que é mais aproximado, amigo meu de convivência mais ele, diz que eu nasci com a bunda pra lua, que eu não faço força pra porra nenhuma, nunca fiz, força pra porra nenhuma, acontece, nem nunca tive planos. Eu sempre fiz assim, quando acontece eu boto o pé, seguro, e espero se o outro passo eu posso dar. Nunca tive plano pra nada não. Vou ser historiador. Diz o povo que é a Tia Marcelina, diz o povo. Diz o povo que é a Tia Marcelina, porque dizem que ela anda comigo né? Não sei se é verdade né? Também não sei se é mentira. Ou sei lá.

F - É, qual é a diferença da publicação de Dirceu Lindoso em relação a sua, quais são os anos?

S - Uns 10 anos de diferença, a posição do Dirceu é a seguinte. O Dirceu acha que a melhor etnografia é a dele e acha que a melhor história política do cabano é minha. Eu ainda acho que melhor do que nós dois é o Velho Manuel. Manuel Correia de Andrade que, aliás, era um grande amigo meu, uma pessoa de uma influência incrível. Mas ainda há muita coisa por dizer, há uma menina que fez uma crítica muito inteligente, ela diz: “Olha, quando o Dirceu e o Sávio pegaram os cabanos, eles pegaram muito pelo viés político, mas tem a vida da mata de que quem vai trabalhar”. Ela fala até direitinho a menina, ela é da UFAL. E tem uma que dá uma tabacada em mim e me chama de ignorante. Aí essa moça diz o seguinte: há uma figura central em toda essa discussão dos cabanos que é um cara chamado Vicente de Paula, e eu em determinada parte do texto falo nele como “o caudilho Vicente de Paula”. Ela diz que eu erro crassamente quando eu digo que ele era um caudilho. Ela que nunca leu a documentação, porque a documentação na época chama ele de caudilho. Ela foi quem deu ao termo caudilho um sentido anacrônico. Mas o Dirceu considera isso, considera a melhor história, a melhor etnografia a dele, e a melhor história política, a minha.

F - Mas eu fico pensando o seguinte. O senhor falou que foi um acaso parar nos cabanos. Mas eu fico imaginando que quando o senhor se enfronhou, a coisa mudou a proporção né? Eu gostaria de um depoimento um pouco mais existencial sobre o que passou a lhe interessar à medida em

que o senhor foi se aproximando do fenômeno dos cabanos. Apesar de Dirceu Lindoso ter se interessado pelo mesmo objeto as questões são distintas, não?

S - Diz o Dirceu que a obra do Dirceu é a mesma minha, no sentido da temática né? Realmente nós passamos pelo mesmo campo. O que me chamou atenção no cabano foi uma coisa que a mim me impressionou, que é o buraco que existe dentro da mata, entre o quilombo e entre os cabanos. Então eu comecei a ficar curioso sobre o que acontece nessa mata, porque parece que a mata morre com Zumbi. Mas eu comecei a entender que a mata é um dos principais personagens políticos de Alagoas, pela possibilidade que ela dava para uma série de coisas que saiam do esquema do açúcar: é o que eu chamo de sociedades alternativas. Assim vejo a mata. Então eu não fui em busca do cabano, eu fui em busca da mata, do significado da mata.

F - Da sociedade alternativa.

S - Isso. Tanto que o Gildo diz que é uma sociologia histórica e não história. O cara me disse é que eu sou um provocador de tanta palavra, e eu gosto de provocar mesmo, não vou dizer que não gosto. Agora se você me perguntar assim: “Ô Sávio, qual foi a contribuição que você deu pra Alagoas?” Eu digo: “eu vou lhe dizer qual foi, não foi em sala de aula. Eu sou um péssimo professor, o que eu fiz fora de sala de aula foi uma contribuição, porque eu fiz pessoas, tem pessoas fazendo doutorado já que passaram anos comigo, trabalhando comigo, e isso eu acho que eu fiz alguma coisa que vale a pena. Mas o, que me disseram, eu nunca ouvi, nem li, mas me disseram que, não sei quem foi que fez uma observação aí com relação ao meu trabalho, acho que foi o Oswaldo, eu não sei bem. O Dirceu traz a discussão do pobre, mas quem introduz de fato a pobreza da historiografia de Alagoas sou eu. Eu não sei se isso é verdade, mas agrada muito ouvir, agrada muito ouvir. Eu acho que isso é uma contribuição que eu trouxe, só essa, mais nenhuma. Agora você pergunta assim: “Você fez alguma coisa de importante? A coisa que eu fiz de importante eu escrevi pra gente lê lá em casa na hora do jantar” É, aí é só umas peças de teatro né? Porque chega uma hora pra mim, eu não sei se vocês consideram isso, que a ficção fala melhor sobre o assunto do que a ciência. Eu digo assim: “Maria sentiu uma dor”. Porquê que eu vou dizer: “As pessoas sentem dor, né?” Mas a dor em si, pra chegar naquele texto, ela tá na casa do diabo, aquela dor que você tá falando já foi pras cucuia há muito tempo né?

Enquanto no teatro não, você vê a pessoa [som simulando uma reclamação de dor] com dor ali né? Eu acho que chega, eu acho que a ficção às vezes ela expressa melhor o quadro humano do que a ciência, do que a ciência.

V: O senhor é tão conhecido pela questão dos indígenas e não falou dos índios.

S - Os índios é outra história, porque quando eu cheguei nos cabanos, eu digo: "isso é uma vergonha!". Eu que falo de índio o tempo todo e aqui não conheço muito. Aí me deu aquela vergonha cívica da desgraça e peguei um cara: "Rapaz, me mostre um índio, onde é que é?" Aí ele foi me mostrar, aí eu viciiei. Aquela coleçãozinha eu acho que já vai pra o 16º volume, não é brinquedo manter uma coleção aqui em Alagoas 16 anos não, todo ano um livro sobre índio.

M - E porque termina não saindo um estudo acadêmico sobre o xangô?

S - É muito difícil e não acho que eu teria condições de fazer.

F - Pelo envolvimento?

S - Também. Porque o xangô pra mim é assim, eu não acredito em bruxa mas que ela existe, existe, sabe?

S - E, é como eu digo, eu prefiro o charme do Padre Cícero do que eu começar a discutir as probabilidades se é acaso né?

V: O senhor não trata da questão nem da medicina, nem das ervas, nem da religião.

S - Índio, eu não entro em qualquer coisa que seja relacionada a religião indígena. "Isso é Deus?". É, porque que eu vou chafurdar pra saber os mistérios deles, se eles já querem fazer escondido, porque sou eu que vou tá batendo na porta? Agora diz um Pajé que eu tenho uma canela emperrada lá com eles. Sei lá se tenho ou não, agora lhe digo uma coisa, que isso fez a minha cabeça. Uma vez eu tava no Ouricuri e tem um lugarzinho lá que eu sempre gosto de me sentar, eu sinto uma paz, vou lá, me sento e fico lá sentado. Eu estava com dois amigos meus, o Nunes, até publiquei um texto do Nunes na Estudos Avançados. O Nunes, e talvez você deva ler o texto da Maria Pancararu. Eu digo: "olhe, já que eu publiquei o Nunes, agora eu vou publicar a cabeça de uma índia doutora falando sobre as raízes dela."

M - E o senhor tinha acesso ao Ouricuri?

S - Eu tenho.

M - Não durante o ritual né?

S - Não durante o ritual.

M - Mas ao espaço.

S - Mas ao espaço sim, a hora que eu quiser. Por exemplo, naquele dia da mãe véia lá, a mãe véia ela me deu aquele lugar pra eu sentar. Mas se ela me deu pra sentar, porque né? Eu sentei assim porque vi que era um gesto de gentileza. Então o mesmo gesto de gentileza que ela teve pra mim ali, eles tem no Ouricuri lá comigo, mas não que eu seja porra nenhuma não. Aí o Nunes me disse: "Eu vou lhe ensinar a ouvir o silêncio". Eu disse: "Como é que é Nunes?". "Eu vou lhe ensinar a ouvir o silêncio.". Ele disse: "Mas não é pra deixar de ouvir não, o silêncio que eu estou dizendo é que o senhor vai ouvir as coisas e vai ver quem realmente tá falando, é o grilo, é a coruja, é não sei o que lá, o senhor vai conhecer isso tudinho." Eu digo: "Vai ser interessante né?" Rapaz, eu fui andando assim, eu digo: "Ô Nunes eu quero pegar uma folha aqui da mata, a batalha sagrada, uma folha aqui da mata. Eu posso pegar?" Ele disse: "Pergunte ao espírito da mata se pode" Aí eu perguntei né?: "Ó espírito, eu posso pegar uma folha?". Não me disse nada. Eu peguei. Aí o Nunes disse: "Olhe, você pega essa folha e carregue ela na carteira pro resto da sua vida". E eu perguntei a ele: "Mas Nunes, porque que eu gosto tanto de planta?" Aí ele me desconcertou: "E você não é historiador professor?" E minha cabeça não chegou lá né?: "Que peste tem gostar de planta com ser historiador?" Aí ele disse: "E tem maior historiador do que aquele pé de angico ali? É um angico que fica quase como guardião do rancho" Ele disse: "Esse angico já conhece a nossa história todinha, o senhor quer maior historiador do que ele?" Essa lógica que passa por cima de qualquer categoria que eu sou acostumado a mexer com ela, me deixa sem vontade de mexer em coisas que eu sei que eu seria simplesmente um curioso a cutucar uma situação que eu jamais entraria realmente pra conhecer sabe? Agora, vou lhe contar outra coisa, tinha um cara chamado Seo Fulô. Seo Fulô é pancararu e morava nos Carápotó, Seu Fulô. Aí Seu Fulô: "Professor, eu tenho um colar pra dar pra o senhor" Disse: "Ta certo Seo Fulô" Eu guardava esse colar, quem acabou com esse colar meu foi o Bruno, aquele antropólogo. Aí o Seo Fulô disse: "Agora professor, me diga uma coisa, isso aqui é de um dedo de um jacaré, o povo tá pensando que o senhor tá sozinho mas tá um jacaré aqui com a boca aberta ói! [Indicando que era grande] Eu quero esse colar mesmo porque é muita gente que esse jacaré vai comer. Aí ele disse: "O Professor, se mal eu lhe pergunto, o senhor gosta de mulher?" Digo: "Seu Fulô, - Risos - Gosto

seu Fulô.” Ele disse: “Não professor, é porque o senhor não pode usar esse colar três dias antes de fazer nem pode usar três dias depois.

S - Mas não é? Quer dizer, não. Eu digo: “Mas seu Fulô? O senhor não quer que eu use esse colar é nunca”.

P - Uma mãe de santo amiga minha, ela é de Recife, ela disse que é muito impressionada com o Maracatu rural porque eles antes de desfilarem ficam 3 dias sem pegar mulher, como ela diz.

Mas mudando um pouco o assunto. Como o senhor vê o panorama dos estudos sobre o xangô? O senhor já me falou isso muitas vezes, mas como é pra registro né? Aí eu gostaria de perguntar novamente.

F - Eu queria fazer uma pergunta associada a sua. Porque tem haver totalmente com isso que ele tá perguntando. Como é que o senhor vê as transformações recentes da universidade e das humanidades em Alagoas?

S - Olhe, eu acho que a universidade, quem vem de fora, especialmente quem não é Nordeste, mas tem que entender uma coisa que essa universidade tem que pensar a gente né? Eu acho que é melhor não ter tanta excelência acadêmica e ter uma preocupação local do que ter a excelência acadêmica e o local se esvaziar. Eu não sei se isso tem ocorrido porque eu me afastei completamente de dentro da área de sociologia, da área de história. Eu não tenho, eu não tenho assim uma visão crítica disso, mas na área que eu convivo, que eu ensino, que é na área de arquitetura, eu vejo um momento excepcional. Não sei na área de vocês, mas eu vejo um momento excepcional, eu vejo uma preocupação de renovação, eu vejo um encontro de novas temáticas sabe? Eu vejo o incentivo a figuras novas, eu vejo uma coisa muito boa lá em Arquitetura, agora eu não sei como é que anda o antigo CHLA. Isso eu não sei porque eu nunca fui de frequentar o CHLA enquanto membro. Eu vivia lá porque tinha que viver, né? Sempre achei que o meu caminho era um caminho mais por fora. E por fora da universidade. Eu lhe digo com toda a certeza, com toda a, isso eu tenho convicção absoluta. Se eu fosse andar pelos caminhos oficiais da universidade eu não tinha feito a metade do que eu fiz. Porque não é brincadeira você ter todo ano um livro publicado sobre a questão indígena. Eu quis fazer sobre a questão negra, a mesma coisa, estou conseguindo começar a fazer sobre sem-terra agora, eu acho que a gente começa uma coleção sobre sem-terra agora. Mas eu acho muito confuso a relação das pessoas com o movimento negro e com a temática negra, eu acho muito confuso isso. Eu não consigo me situar com paz não no meio desses. Já na

parte indígena, de certa forma, eu tive muita responsabilidade no surgimento do tema, aí eu me sinto confortável ali. Mas negro não, é tanto que eu me afastei. Olhe, o meu primeiro objetivo era escrever sobre o quebra. Não tive a oportunidade porque eu acho que o quebra tem um problema fundamental: é você ter uma cabeça branca, com argumentos brancos encima de quatro negros. Eu acho que pelo o que eu li, a grande preocupação vem sendo com os Maltas, com a política democrática, ou com a política senhorial. É como se o quebra fosse um instrumental pra você chegar ao branco. Eu acho que encontrar uma forma de falar do quebra, do ponto de vista negro, por baixo da estrutura, eu acho que será o grande trabalho que poderá aparecer. E é muito difícil porque são situações, às vezes difíceis, até de você imaginar o que era aquilo. Basta você ver as posturas municipais, com relação a isso, né? Você vê como era a forma como era tratada qualquer manifestação negra. E como é que você chega nela? como é que você chega na figura, na questão do "povo", entre aspas, negro naquela época? Você pega esses teses todinhas, eu não sei se eu estou exagerando ou não, mas grande parte delas é gasto para dar um panorama da cidade. Como você vai chegar na questão do quebra em si, que bate no ponto de vista negro? Há uma insuficiência no tratamento pois se baseiam fundamentalmente nela, em uma escrita branca. E muito mais ainda, quer dizer, que era categoricamente amigado ao Nô Malta né? Então são problemas que você pode ficar se repetindo ali sem parar. É uma coisa que eu receio muito, é o quanto se está fabricando um imaginário sobre o quebra. Primeiro você não sabe se ele teve essa proporção que se diz, você não tem segurança nenhuma aqui em Maceió sobre o quebra. Então é muito melhor você se preocupar em verificar quais eram as relações negras do que querer dar grandiosidade a essa coisa. É minha posição.

F - Então, quando o senhor fala isso, por exemplo, tem uma diferença, ou então eu posso dizer que na visão do senhor tem uma diferença entre buscar, é a posição negra de buscar o negro.

S - O negro pode ser o seu motivo, né? Mas você, para encontrá-lo, o caminho pode não ser simplesmente querer vê-lo.

F - Entendi. Porque nesse sentido, por exemplo, até a questão das divisões políticas, uma coisa é você avaliar pela questão das divisões políticas, uma outra coisa é você vê como essas divisões políticas incidiram sobre, na verdade, as constituições míticas, rituais.

S - Você não tenha dúvida com relação a isso, é, veja bem, eu vou dizer uma coisa que eu digo em alguma coisa aí. Quem puxa Tia Marcelina, desculpa eu dizer. Eu me lembro bem que uma vez o Luís Marinho e o Celestino chegam pra mim com um retrato de uma senhora, dizem: “Isso aqui é tia Marcelina”. Eu não abri a boca pra dizer se era ou não era, eu aceitei que era. Bom, pra mim, é aquilo. Se ele tava dizendo que era a Tia Marcelina, mas [eu não tenho muita certeza], porque a Tia Marcelina é uma grande invenção. A figura humana da Tia Marcelina é muito menor do que o mito que se tem sobre a Tia Marcelina. E o que interessa é o mito. A figura humana da Tia Marcelina some. Porque é um mito que começa a mexer na questão da identidade. E aí você vai inventando quantas tias marcelinas você quiser.

F - Fala muito mais ao coração de hoje do que, propriamente, ao coração daqueles que estavam lá naquele momento.

S - Claro. Eu não conheci uma pessoa, andando nesse tempo aí, quer dizer, 1968 mais ou menos né? Que você falou, né? O quebra foi quando?

M - 12.

S - Quer dizer, uma pessoa que tivesse 15 anos naquela época, tava com quanto? 61 anos? 71, a minha idade hoje. Saberia falar sobre. Eu nunca ouvi ninguém falar sobre o quebra, ninguém dizer. Eu testemunhei isso.

P - Luís Marinho eu sei que era de 15, ou seja, nasceu após.

S - O Luís Marinho nunca me disse: “Eu conheci Tia Marcelina.”

M - Celestino, não sei, imagino que fosse mais jovem.

S - Eu nunca vi ninguém que testemunhou Tia Marcelina. Eu vou na casa do Zumba, eu era muito ligado ao Zumba. Aí o Zumba disse: “Eu tenho um quadro da Tia Marcelina pra lhe vender.” Eu disse: “Eu compro”. Aí eu pego um quadro da Tia Marcelina e coloco na parte assim que dá pra rua. Eu boto o quadro que dava pras pessoas verem na rua. Aí passa um camarada, para, olha pra mim e diz: “Essa é a mulher que parava o trem com a mão quando fazia assim?” Eu digo: “É!” Eu dizer o cara que não porque? Eu acho que quando uma pessoa chega a esse nível de transcendência, são os sentidos que ela cria que eu acho que devem ser analisados sabe? Se você for pra essa figura histórica da Tia Marcelina e marcar, datá-la em 1912, pouca coisa vai restar dela. Ah, eu volto a lhe repetir, eu andei nesses terreiros. Eu fui em tanto canto nesse mundo que eu não sei mais nem se existe esses cantos nos quais eu fui. Eu nunca vi ninguém me dizer: “Eu vi Tia Marcelina”. Então, eu acho que quando você

mexe hoje com a Tia Marcelina é melhor você mexer com as possibilidades da história, com os níveis de construção sobre a Tia Marcelina do que querer datá-la, pegar assim e dizer: “Olhe, essa aqui é a Tia Marcelina, morava ali.” Os caras diziam que eu morei onde era o terreiro da Tia Marcelina. Eu vou dizer que não? Eu vou dizer pra o cara assim?: “Que nada cara, ela morava noutro canto”. Eu não sei onde ela morava. E pra mim me honrou muito morar no lugar que ela morava.

P - Eu tenho um artigo do Gilberto Freyre, de 36, a referindo como viva no começo dos anos 30 né?

S - Repare, repare.

P - Como é que faz?

S - Eu nem mesmo conheci esse artigo não. Então eu acho que há muito do branco estudando a história negra. O que eu estou querendo dizer é o seguinte: é que quando é tão grande a pressão pela história branca, que quando você chega no episódio do quebra você discute é o Maltismo. Eu publique um artigo falando sobre isso.

P - Tá na época do senhor publicar outro artigo né? Dos 30 anos.

S - Faça isso você que é mais moço, você tá muito mais bem acolgado do que eu, aquilo ali eu acho que é o primeiro artigo que saí e eu fiz de propósito, é o primeiro artigo que sai simpática a causa. Eu fiz aquilo muito de propósito sabe? Eu peguei o Luís Marinho, assim como eu era muito amigo dele, muito mesmo. Ele dizia que era meu pai de santo, eu deixava ele dizer né? Porque eu ia dizer que não? E, aquele artigo é o primeiro que sai eu acho que, e eu fiz de propósito, é o primeiro na igreja, na imprensa alagoana que sai simpático né? Eu acho sabe que se me pedisse, me dissesse assim, me dê um balanço da sua ligação, eu acho que, por incrível que pareça, aquela semana significa muita coisa pra mim, muita! Você me deixou emocionado quando você me disse que tinha essa relação de simpatia deles com a semana.

P - É, havia a dona Maria Omialê que morava no Ouricuri. Ouricuri o senhor lembra?

S - Lembro.

P - O que significava o bairro na época né?

S - É, é.

P - Mudaram até de nome pra tirar o estigma do bairro né?

S - São Sebastião né?

P - É. Então ela sobe e vai pro palco né? As pessoas comentam né? Aquela mulher negra né? Aquela, com o pé deste tamanho né? Um momento de emoção que foi para as pessoas né? Quando ela começou a cantar.

S - Ô cara, não me diga um negocio desse não, eu vou chorar.

P - Uma mulher saída, como o Ouricuri era. Se no Jaraguá havia o meretrício, o Ouricuri era o *bafon* do meretrício né? E ela tinha um terreiro lá dentro. Então ela já era uma mulher idosa né? Então ela vai cantar pra Iemanjá, no palco do Deodoro né? E muita gente já me contou isso chorando né?

S - Rapaz, não diga um negócio desse não, porque eu acho que eu não tenho dimensão do que foi aquilo não.

P - Porque até pra eles do Candomblé ela era uma figura, digamos assim.

S - Marginalizada né?

P - Sim, porque ela era o protótipo da negra.

S - Porra, basta essa história né? Basta a história dessa mulher pra justificar a semana né?

P - E porque em comparação, por exemplo, com Luís Marinho. As pessoas lembram o cântico né? Que Maria Omialê cantou aquela toada e lembra da toada. Então, pra ver o quanto o momento é importante né?

S - Olhe, só pra você ter uma ideia: o teatro vamos dizer que pegue mil lugares né? Era lotado de cima a baixo, então, em 7 dias, só aí foram 7 mil, né? Só aí foram 7 mil. E tinha as pessoas que circulavam ali que vinham da praça e entravam. Menino, era muita gente. Era muita gente. E eu acho que eu não tenho mesmo a dimensão do que era não, essa coisa que você tá dizendo aí, que você falou, eu estou meio boquiaberto. Eu estou vendo agora o que eu, porque naquela época o quê que eu queria? Só que respeitassem.

P - O senhor queria fazer uma semana de arte moderna né?

S - Eu queria que respeitassem, que respeitassem os negros né?

F - E o senhor falou também que tinha uma coisa da tradição, tinha que bater na tradição.

S - Eu não imaginava não, honestamente. Eu acho que eu nunca tive assim a ideia da importância pras pessoas não, eu só fiquei assim meio emocionado foi com o recado. O povo da macumba não esquece o que o senhor fez né? Eu julgava que isso era amizade e não memória. Mas você tá

me dizendo é que a coisa ficou na memória. Vocês sabem o que eu acho mais bonito nisso tudo? Você me permita lhe dizer, é que tenha ficado a memória e que eu tenha desaparecido. Quer dizer, eu não violentei. Mas se eu tivesse permanecido eu teria violentado. Uma figura muito ligada a Igreja, naquela época, chegou perto de mim e veio me dizer que eles iam tomar uma atitude com relação aquilo. Esse, "o quebra" pra mim, eu tenho utilizado muito o termo "quebra", porque "quebra" é quebra, quebra né? Quebra-quebra, a palavra. Aqui teve, antes do quebra teve o "quebra dos pescadores", "o quebra das colônias" né? Eu tenho discutido muito a sequência dos quebras. Às vezes eu digo: "Olhe, a revolução de 1930 aconteceu em Alagoas em 1950", brincando assim né? Há uma lacuna de tempo muito forte em Alagoas com relação as coisas que vem de fora. Alagoas é muito tratada assim como se ela fosse uma ilha, você não vê muitas relações de Alagoas, mas na questão do quebra, eu detesto quando vem com os argumentos de salvaguardas, essas coisas, sabe? Eu preciso entender, eu preciso ver é como o povo sentia isso naquela época. Será que é possível chegar lá? Será que não é possível chegar? Aí eu gosto imensamente dessa história do improvável, quer dizer, tudo pode ter sido, eu gosto muito disso.

Mas então, sobre a mudança das humanidades... Eu nunca tive assim com um professor da universidade, então, eu nunca me sentei pra conversar, eu não tinha essa ação. Eu sabia lá o quê que dava lá em mestrado, o quê é que dava lá em doutorado? Vocês quando entram na universidade aquilo já tá evidente pra vocês. Eu tive que me fazer, porque eu não tinha universidade pra me ajudar. Eu tive que pegar o Vaz, pro Vaz me ajudar, foi sorte minha, eu tive que aprender 3, 4 línguas porque você não tinha publicação no Brasil. Pra esperar que um livro chegasse aqui era 50, 60 anos. Se você não lesse pelo menos 3 línguas você tava acabado. E diálogo? Nunca. Eu só tive uma vantagem, que vocês não tiveram, foi o período que peguei o Vaz de 62 a 64, aí eu posso dizer que eu vivi uma grande universidade, ou um grande momento, porque era o momento da inquietação, da busca do nacional mesmo né? E passava pela região também, vocês não tiveram isso, e vocês não tiveram isso e nem tem, nem faz pra você sentido muito a memória que a gente tem dessa época. Eu acho que os muitos da gente morreram pra vocês poderem rir e nem sabem porque que tão rindo. Mas a possibilidade de vocês construírem cientificamente é muito maior do que a minha, eu pego da minha área

mesmo, eu estou com 3 meninos fazendo mestrado, fazendo doutorado já, eu já disse a eles lá: “Vocês me dão a oportunidade de deixar de mexer com índio porque vocês fazem melhor do que eu, fazem muito melhor do que eu”. Quer dizer, é por isso que eu disse, agora eu vou pegar o meu caminho aqui pra fazer o que eu quero, por quê? Porque eu já deixei quem cuida disso e bem, melhor do que eu, eu não deixei negro, sabe? Eu não deixei negro, foi um erro meu, eu não deixei negro, mas eu não deixei negro pelo cansaço que eu tinha do movimento negro, das culturas internas sabe? E briga pra cá e briga pra lá. Eu digo: “vou perder meu tempo?” Mas agora eu estou tentando ver se faço isso com os Sem Terra, se deixo uma geração pronta pra estudar os Sem Terra, né? Acho que vai sair agora um, talvez um livro interessantíssimo sobre os Sem Terra em Alagoas né? Eu acho que é uma nova safra que pode acontecer. Mas eu acho que esse trabalho de levantar essa história negra, essa tradição negra, é a tradição da Tia Marcelina, acho isso extremamente importante. Agora o meu medo é, às vezes, você pensar que está discutindo a questão do negro e você tá é martelando na história branca. Ora, é importante a questão dos Maltas? É, sem dúvidas. Mas ela que define a questão do quebra? Será? O que é que define a questão do quebra? Me diga. O fato de que você tem um grupo no governo que é dito macumbeiro, o que é que define isso?